

Crônicas da vida invisível

por intermédio deste
emunho, na intenção de
confirmar que, de fato, não
s achamos sozinhos nos
nossos momentos mais
ceis! Há, indubitavelmente,
m universo repleto de vida
suspeitada, e muito maior,
o, qual habitam todos esses
incansáveis seres amigos
que nos amam, nos amparam
e nos encorajam, zelando
com profunda ternura e com
paixão para que não
esmoreçamos e para que não
se extinga nunca a chama
da esperança nos nossos
corações!

Christina Nunes

CRÔNICAS DA VIDA INVISÍVEL

Christina Nunes

2015

CRÔNICAS DA VIDA INVISÍVEL

Christina Nunes

Data da publicação: 30 de janeiro de 2015

CAPA: Cláudia Rezende Barbeiro
REVISÃO: Cíntia Cortegoso
PUBLICAÇÃO: EVOC - Editora Virtual O Consolador
Rua Senador Souza Naves, 2245
CEP 86015-430
Fone: (43) 3343-2000
www.oconsolador.com
Londrina – Estado do Paraná

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecária responsável Maria Luiza Perez CRB9/703

N924c

Nunes, Christina.

Crônicas da vida invisível / Christina Nunes ; revisão de Cíntia Cortegoso ; capa Cláudia Rezende Barbeiro. - Londrina, PR : EVOC, 2015.

119 p.

1. Literatura espírita - Crônicas. 2. Espiritismo. 3. Doutrina espírita. I. Cortegoso, Cíntia. II. Barbeiro, Cláudia Rezende III. Título.

CDD 133.93
19.ed.

ÍNDICE

Introdução,	4
O Aviso Oportuno,	7
O Reconforto Inesperado,	11
O Livro Proibido,	15
Mensagem Casual,	19
Doutor Bezerra e o H1N1,	22
O Coração de Turmalina Azul,	26
Curiosos Casos Mediúnicos,	30
O Caso da Doadora Oculta,	35
De Que São Feitos os Sonhos? - I,	38
De Que São Feitos os Sonhos? - II,	42
De Que São Feitos os Sonhos? - III,	46
Dia a Dia Mediúnico - I,	51
Dia a Dia Mediúnico - II,	55
Servindo Com Chico Xavier,	59
Visitando Nosso Lar,	63
Nós Estamos Com Você,	68
Eu e o Meu Violino,	72
O Caso do Violino em Pé,	77
A Resposta de Iohan,	81
Imaginemos... Episódio mediúnico,	86
A Clave de Sol,	91
O Jardim de Rosas,	96
O Sumiço da Caneca,	99
O Farol,	104
Amanhecendo em Elysium,	109
Influenciação Espiritual,	114

INTRODUÇÃO

Em todas as épocas, o ser humano fez livre uso do dom mediúnico, embora de maneira mais ou menos inconsciente; no entanto, tais fatos se davam em contextos socioculturais diversificados. As transformações naturais, inerentes à passagem vertiginosa dos séculos, facultaram a que estes acontecimentos fossem gradativamente encarados pelos povos com uma compreensão diferente.

O advento da Codificação Espírita, através da obra de vulto consolidada por Allan Kardec através da intermediação da Doutrina transmitida pelos Espíritos, contribuiu para que o olhar sobre a fenomenologia mediúnica se modificasse. E o que, em tempos obscuros, assumia feição miraculosa para alguns, ou de caráter fantasmagórico, ou herético, para outros, ao sabor dos interesses pessoais ou das conveniências religiosas de momento, afinal logrou ser encarado com a seriedade merecida, para ser estudado e considerado no seu justo patamar, no repertório dos dons naturais ao ser humano, senão que ainda não devidamente explicados pelos avanços lentos da ciência adstrita aos métodos de aferição limitados da face material terrena.

Pensamos que, uma vez acontecendo em continuidade ininterrupta, e apenas que em contextos modificados no vasto decorrer da história humana, merecem, os episódios da mediunidade, vivenciados por personagens dos tempos correntes que nos ombreiam a conta de parceiros comuns do cotidiano, ser comentados, estudados e narrados com a naturalidade que se pede para algo que não se diferencia,

em essência, de toda a vasta gama das experiências humanas de outras esferas dos seus movimentos, nas várias situações da vida.

Eis, portanto, nesta intenção, a razão da elaboração deste volume despretensioso. Nele, a médium que, com diligência, nos intermedeia o trabalho de divulgação das realidades espirituais há bastante tempo, faz compilação oportuna de vários destes acontecimentos. Fatos que lhe chegam com espontaneidade ao conhecimento, através de pessoas com quem convive nas atividades rotineiras, ou que são a ela ditados via psicografia de nossa autoria, ou vividos em conjunto com os que lhe são mais próximos na presente etapa reencarnatória terrena.

Ao final da coletânea, consta texto cabível à elucidação sobre o tema exposto neste livro. Versa sobre os característicos inegáveis da influenciação de ordem espiritual, entre os habitantes das esferas visível e invisível, a que estão sujeitos todos os que se encontram em situação de reencarnados no orbe terreno.

Esperamos, com sinceridade, que estes relatos sirvam para incutir no leitor e leitora, interessados, nestas verdades a certeza de que a separação momentânea, entre seres viventes em dimensões de vida apartadas não mais do que por padrões diversificados de frequências energéticas, realmente não existe. E que a cooperação e coexistência multidimensional é fato, e ocorre intensamente, hoje, como em todas as demais épocas passadas.

Modificou-se, apenas, o modo como a humanidade de cada era encarou e reagiu a cada um destes fatos, que podem se comprovar alentadores, quando contamos com a

sintonia espontânea, por amor, entre encarnados ou desencarnados. Ou – preciso que se diga e alerte! – revelar-se preocupante, na medida em que os indivíduos, por invigilância, no uso do seu livre-arbítrio, atraíam as presenças de habitantes das esferas espirituais compatíveis com escolhas e percepções de vida, porventura, infelizes, durante o percurso de sua curta estada na matéria.

Desejamos que a leitura decorra leve e proveitosa, revertendo, sobretudo, em mensagem útil de esclarecimento a quem a acesse. E rogamos, a cada iniciativa, neste sentido, as bênçãos das diretrizes de Jesus, para que alcancemos os nossos propósitos.

Caio Fábio Quinto

(Mentor espiritual da autora)

O AVISO OPORTUNO

Naquele início de tarde, morna, seguia o Amparador da vida invisível ao lado de duas das suas tuteladas naquele agrupamento familiar reencarnado, naturalmente despercebido, acompanhando, a passos de passeio, a jovem mãe ao lado da filha pequena que conduzia ao colégio, quando percebeu, agradavelmente, surpreso, a aproximação de um companheiro seu nas lides de auxílio aos amigos na materialidade.

– Que fazes por aqui, Cláudio? Bom encontrar-te. Algum recado da Colônia?

Ao que o antigo amigo de muitos séculos respondeu, com a jovialidade que lhe era própria:

– Vinha mesmo ao teu encontro para combinar contigo umas tantas coisas, sabendo-te ocupado com a tua missão diária na residência dos teus afetos reencarnados; a meio caminho, todavia, notei algo urgente e acorri até aqui para avisar-te, sabendo como sei com algum acerto das rotinas do teu dia...

O outro olhou-o, entre agradecido e surpreendido, convidando-o a acompanhá-los no percurso que seguia junto às protegidas entretidas, àquela altura, em desanuviado diálogo sobre os acontecimentos da manhã finda.

– A que te referes? Algum problema?

– Não exatamente... – o outro se apressou em esclarecer, prestimoso – Mas é preciso que arranjes um jeito de deter os passos das tuas assistidas durante uns poucos momentos...

– Por quê? – Quis saber o Amparador, curioso.

– Tu o pressentirias com facilidade tão logo atingissem a próxima via transversal, todavia, deixemos os comentários e explicações para daqui a pouco. Por favor, apressate...

E em notando que o aludido cruzamento de avenidas já vinha bem próximo, de pronto, o amigo do plano espiritual da vida gastou breve intervalo consultando atentamente os arredores, a fim de que algo oportuno lhe ocorresse, assim como o denodado recém-chegado.

De repente, apondo afavelmente a mão na altura da nuca da moça, sussurrou-lhe algo, carinhoso, à audição espiritual:

– Olhe só: o galho desta árvore aí está quase caindo!

Tamanha era a empatia entre Amparador e assistida que, na mesma hora, a jovem alçou a vista, aparentemente ao acaso, para o arvoredo compacto mais à frente da calçada por onde passava com a criança, detendo-se no passo apressado com que avançavam.

– Olhe, filha! Aquele galho lá em cima está arriscando cair! Que perigo! Está podre!

Ao que a menininha, surpreendida, com o comentário e curiosa como toda criança, imediatamente, atendeu ao apelo materno, levantando também o rostinho sério.

– Cadê?! Onde, mamãe?

A mãe apontou.

– Lá! Olhe!

Ao lado, os dois amigos da invisibilidade trocaram um olhar entre divertido e aliviado. A menininha ainda se demorou com os olhos na árvore frondosa durante um bom

tempo, acabando mesmo por causar certa impaciência na mãe que, pressurosa com o horário de entrada da pequena na escola, se pôs a apressá-la:

– Chega, filhinha! Já viu! Quer se atrasar?

– Ah, agora eu vi! Eu quero ver, mamãe, que coisa!

E gastaram-se alguns instantes a mais no impasse até que afinal mãe e filha retomaram o trajeto calmamente, ladeadas pelos assistentes despercebidos que as acompanhavam agora, entretidos, em palestra reservada a respeito do incidente.

– Que foi, afinal, que o compeliu a esta providência, Cláudio? Não pode me dizer agora?...

Não se faria necessário, porém, nenhum esclarecimento. Porque já atingiam a esquina aludida quando, e antes que se aproximassem o suficiente do meio-fio, inaudita explosão sobressaltou todos que transitavam nas proximidades, no trecho de calçada adiante, espalhando fumaça para todo lado.

A jovem deteve a criança pela mão com enérgica firmeza, espantada, esquadrinhando, indócil. Outras pessoas se distanciaram, cautelosas, enquanto alguns homens, diante de uma padaria, e entretidos com algum aparente reparo de maquinaria desconhecida em local inadequado, qual fosse aquele onde se achavam, bem no meio do caminho dos transeuntes numerosos da rua, saltavam também, em sobressalto, para se porem a salvo da inesperada explosão.

O Amparador olhava a cena, quedo em admiração, ao lado do amigo, agora reconfortado por levar a bom termo a sua missão, e prosseguiram, bem-dispostos e externando evidente satisfação, seguindo a moça que agora puxava a

menininha para contornar o trecho arriscado do trajeto, a fim de efetuar a travessia pretendida num outro ponto mais afastado, enquanto os homens ainda agitavam-se, confabulando em barulhenta exaltação, atribulados em dispersar a fumaça espessa.

Aquele era mais um episódio ilustrativo de que possuímos, na vida espiritual, mais amigos do que jamais imaginaríamos durante o período transitório de obscurecimento da memória no corpo material, amigos responsáveis por muitos desses momentos nos quais os seus avisos providenciais fazem com que apenas dois casuais minutos valham nada menos do que a preservação de duas vidas.

O RECONFORTO INESPERADO

A personagem desta segunda crônica sou eu, de forma que este segundo caso pode e deve, sim, ser tomado como um testemunho.

Fez, nesta terça-feira, dez dias de um pesadelo vivido com meu filho mais velho, vitimado pela forma (graças a Deus!) mais branda da infame epidemia de dengue que vem assolando todo o Rio de Janeiro e aterrorizando os cariocas. Dez dias de terror. De noites mal dormidas. De dias, manhãs e noites durante as quais contaram-se, no mínimo, por dia, cinco horas de pé em plantões de pronto-socorro infantil, debaixo da pressão esmagadora da aflição, do indizível martírio físico e emocional, e não apenas por meu filho. Pelo próprio fato de presenciar tanto, mas tanto, sofrimento de mães e pais e de suas crianças. Pequenos prostrados por febres escaldantes, surtos de náusea, submetidos a hemogramas diários e, a cada um deles, à torturante expectativa pelos seus resultados. Mães em desespero mergulhadas em lágrimas; pais nervosos; crianças em cujos rostinhos se retratava uma tristeza indescritível, desconsolo, mal-estar, perplexidade pela compreensível ausência de entendimento das razões pelas quais estão flageladas por tanta agonia, como se participando de horrendo *reality show* ou filme de terror. Em meio a tanta agonia, e fragilizada como todos os demais, e, por conseguinte, solidária em toda a imensa carga de aflição, e sendo espírita convicta desde os idos da adolescência, bem como habituada a manter com a assistência do invisível contato constante em razão do trabalho

literário desenvolvido sob as suas diretrizes, pus-me, muito naturalmente, a atormentar a Espiritualidade em busca de socorro. Afinal, também sou mãe e humana. E também me contorci de angústia e de desamparo, em meio às lágrimas amargas, a cada resultado de exame, a cada vez que via no meu filho, sempre tão alegre e bem-disposto, o maltrato impiedoso dos sintomas da virose.

Ontem, após o sétimo ou oitavo hemograma, tive as cordas emocionais afrouxadas e fraquejei. Imersa em lágrimas incontidas, como em bem-vinda explosão de uma válvula de escape, mentalizei quão sentida prece ao enfim baquear na cama para o desassossegado repouso noturno. Cobrei, praticamente, exigi do meu mentor espiritual que me presenteasse com um sinal qualquer da sua presença e do seu amparo, como em tantas vezes já fez no passado. Um alento que fosse. Que se fosse fato o processo de convalescença do menino, que me sinalizasse de alguma forma positiva que oferecesse algum reconforto após tantos dias de flagelação emocional.

Pedia, destarte, por mim e também, de entremeio, por todas as crianças, lembrando-me do intenso sofrimento coletivo presenciado naquela unidade de atendimento pediátrico do bairro onde morava. Esgotada de forças físicas e emocionais, adormeci, melhor dizendo, desmaiei, nesse estado de profunda mentalização dirigida aos mentores e aos médicos do espaço. E só fui despertar hoje pela manhã, ainda interiormente exaurida, para mais um dia de maratona às voltas com hemogramas e com filas de atendimento intermináveis.

Antes de sair com meu filho, resolvi de repente que deveria levar um livro para amenizar o cansaço do tempo de espera que se fazia extenso quanto exasperante, como o fora nesses muitos dias, não haveria nem dúvidas. Afobada com a hora, e já totalmente esquecida do ardente apelo espiritual dirigido ao mentor na noite passada, passei a mão a esmo num volume qualquer da minha biblioteca espírita particular, cuja quantidade de livros já se torna incontável depois de todos esses anos de labor na área espiritualista; tomei a bolsa e saímos.

Chegamos ao pronto-socorro, abarrotado, como era de esperar. Peguei uma senha cuja numeração já ultrapassava bem mais os setecentos números, busquei assento para meu filho. Eu mesma me mantive em pé após as primeiras providências e, enfim, dispus-me a esperar lendo o livro que trouxera, obra de autoria de Herculano Pires, de conteúdo interessantíssimo sobre o tema da reencarnação. Abri a esmo e me tomei de grato espanto.

Nem me lembraria mais depois de tanto tempo daquele esboço mediúnico, justo o retrato em miniatura do meu mentor espiritual, recebido há pelo menos três anos, e que guardara no meio das páginas daquele livro. Talvez demorasse a encontrá-lo de novo, se não escolhesse aleatoriamente aquela obra específica para ocupar o meu tempo durante o período de espera por atendimento. E, de pronto, compreendi a resposta amorosa deste Amigo querido do mundo maior que nunca, nunca, em momentos de grande aflição, deixou-me desprovida desse tipo de sinal fraterno e zeloso de sua presença. Com efeito, aquele pequeno retrato dizia: Aí está! O sinal que pediu, não apenas da minha pre-

sença, mas da de todos que daqui, do mundo maior, estão não apenas ao seu lado, mas amparando cada mãe, pai ou pequeno aflito nesta fase de intenso sofrimento para os habitantes desta cidade.

Algum tempo depois, com o novo hemograma em mãos, o médico plantonista confirmava o restabelecimento do meu menino e a sua alta para a próxima quinta-feira.

É esta, pois, a crônica da vida invisível de hoje cujo especial conteúdo é compartilhado fraternalmente com todos vocês, por intermédio deste testemunho, na intenção de se confirmar que, de fato, não nos achamos sozinhos nos nossos momentos mais difíceis. Há, indubitavelmente, um universo repleto de vida insuspeitada e muito maior, no qual habitam todos esses incansáveis seres amigos que nos amam, nos amparam e nos encorajam, zelando com profunda ternura e compaixão para que não esmoreçamos e para que não se extinga nunca a chama da esperança nos nossos corações.

Para arrematar e como habitamos ambos os lados da vida, o meu profundo agradecimento a toda equipe de médicos e funcionários da clínica pediátrica SAMCI - heróis anônimos dos nossos tempos.

Amor a todos!

O LIVRO PROIBIDO

Aconteceu esta semana de chegar cedo demais ao centro da cidade para o trabalho diário na Justiça e, como de costume, decidi passar o tempo me deliciando com aquilo que mais me apetece nessas oportunidades: as livrarias. Assim, dirigi-me a uma onde há tempos compro muitas de minhas obras espíritas. Entrei e, despreocupada da hora que me favorecia com largueza para explorar o local até onde me satisfizesse, passei a folhear detidamente volumes vários de autores tanto conhecidos quanto desconhecidos. Nessa ocupação prazerosa, concentrei-me especialmente nas obras de Herculano Pires que ainda não havia lido, e numa particular que repentinamente me captou a atenção pelo título, metida, num sem contar de centenas de outros livros enfileirados nas prateleiras meio poeirentas: No Mundo dos Espíritos, de José de Leal. Um livro antiquíssimo a julgar pelo seu aspecto e encadernação, embora estivesse bem conservado no invólucro plastificado que a livraria tem por hábito usar para preservação das obras tanto novas quanto antigas que expõe à venda. Meio incerta quanto a pegar ou não o volume para examiná-lo, todavia, vi-me francamente atraída pelo título sugestivo de um conteúdo possivelmente rico quanto interessante, e acabei vencendo a relutância que o aspecto um tanto decrépito da obra em princípio me provocava. Peguei-o da prateleira e indaguei do livreiro se podia tirar o envoltório de plástico a fim de verificar do que se tratava, pois que estava interessada em levá-lo.

O livreiro, de seu lado, não fez caso disso e começou a retirar a embalagem, enquanto eu reparava em dois detalhes interessantes: havia duas etiquetas no canto superior direito da capa posterior dizendo assim: "Obra preciosa"; "Aqui é o meu lugar, não me leve"... ou algo bem próximo disso. Todavia, embora pitoresco, tal pormenor não me causou tanta espécie num primeiro momento, em que me detive, francamente admirada, no interior do livro propriamente dito: uma verdadeira relíquia. Publicação de 1925 de A Noite (acho que era esse o nome da gráfica), com um português tão arcaico que, para os dias de hoje, sugeriria antes outro dialeto ou idioma! "Cês" dobrados, ortografia anti-quíssima, um assombro. E o conteúdo também me pareceu interessante, o que levou afinal a me decidir por comprá-lo, junto com outro livro de Herculano Pires.

Bem, à noite, como de costume, cheguei a casa com meus filhos sobraçando os volumes preciosos e, após um exame ligeiro neste Mundo dos Espíritos, veio-me uma primeira constatação de que na verdade se tratava de uma obra sobre Umbanda, creio que talvez a primeira publicação no Brasil do gênero, a julgar pelo valor que a despeito de tudo paguei por ela o valor de cinquenta reais. Deixei-os sobre a minha cômoda e fui cuidar da vida: tomar banho, jantar, cuidar das crianças etc.

Mal acabei o banho, senti alguma coisa, melhor dizendo, alguém. Uma presença súbita, mas inconfundível que não podia detectar com os olhos físicos, mas com bastante clareza com a visão interna, "encostou" e disse: "Você deve levar esse livro de volta para lá! É por isso que está escrito

aquilo na capa – ‘Aqui é o meu lugar’! Este é um livro dirigido aos filhos das falanges da Umbanda.”

Confesso nos primeiros momentos ter ficado meio estatelada, sem saber o que pensar sobre o que ocorria. Era diverso de tudo o que tem me acontecido durante todos esses anos no terreno mediúnic; todavia, se ocorria e no ambiente da minha casa, ficava evidente que se dava com a autorização dos meus mentores, talvez como uma espécie de ensinamento ao meu discernimento. Mantive-me, assim, imobilizada durante vários instantes, avaliando a situação, mas ainda, assim, a presença insistia: "Por favor, devolva este livro ao lugar de onde o tirou!"

Então, subitamente comecei a recordar acontecimentos mediúnicos relatados, exemplificados e explicados pelos Espíritos da Codificação e por outros mentores respeitáveis, da vida invisível, envolvendo o apego de determinada classe de espíritos desencarnados para com coisas deixadas para trás na materialidade, coisas essas que, mesmo do outro lado da vida, todavia, prosseguem considerando como "suas"! E alguma luz sobre o impasse começou a se me instalar no íntimo, quiçá, via inspiração superior, aclarando-me a compreensão.

Em consequência do que, de um só impulso, decidi-me a não manusear mais o volume, a devolvê-lo, imediatamente, no dia posterior, a mesma livraria onde o comprara, embora sem saber ainda o que diria exatamente ao livreiro. E assim o fiz. No dia imediato, cedo, antes de me dirigir ao trabalho diário, voltei com o livro cuidadosamente envolto na mesma embalagem plástica, inclusive conservando as etiquetas com os dizeres misteriosos. E fui franca com o

livreiro, usando com habilidade das palavras. Disse que alguém do ramo spiritista havia me explicado que melhor seria fosse a obra adquirida no tempo certo por alguém ligado às falanges umbandistas, liberada, assim, oportunamente, por quem zelava do invisível pelo livro daquele jeito.

Não me estendi em mais explicações, o livreiro aquiesceu. E preferi que um mero instrumento a mais das letras que matam, não somente do espírito que vivifica, presente no conteúdo não apenas daquele, mas, no final das contas, nos de tantos exemplares spiritistas dignos espalhados noutros lugares, não viesse a ser o estopim de uma silenciosa dissensão, ademais desnecessária e improdutiva, entre a minha pessoa e algum irmão da invisibilidade. Cada coisa a seu tempo na trajetória evolutiva da cada um de nós, rumo a Deus.

MENSAGEM CASUAL

Antes de transcrever o belo texto, preciso contar a história dele, do meu cotidiano de vivências com a Espiritualidade. É uma história curta, concisa, descomplicada, como, aliás, deve ter sido seu personagem principal na época em que estive entre nós.

Durante a semana passada, estava num daqueles dias de desânimo que todos nós temos inevitavelmente, creio que com mais frequência quando já vai chegando o final de todo um ano de cansaço, trabalho e correria para um lado e para outro. Sentada, solitária, no café da manhã enquanto meus meninos ainda dormiam, relembrava tudo que ficou para trás neste ano agitado de 2008 e, numa baixa de estado de espírito, de repente, falei, em voz quase inaudível, como quem pede colo aos pais, sem muita expectativa de ser atendida naquele apelo:

– Ah, Jesus! Como tinha vontade de vê-Lo para me sentir mais amparada nas lutas, sem essa sensação desanimadora de estar com um rolo compressor passando sobre mim em certas épocas.

Falei isso como quem conversava mais comigo mesma, não me detive muito mais e, findo o desjejum, fui ao encontro das atividades normais de começo de dia. Minutos depois, organizando meu quarto e dando com uns papéis empilhados na minha escrivaninha, quis organizá-los melhor e pus-me a folheá-los. Eram papéis, textos, documentos amontoados no decorrer do ano e de jeito nenhum me recordava mais do que se tratava cada um deles. Eis que, logo

ao principiar, para meu susto e funda emoção, deparo com um texto impresso em data indefinida, que transcrevo a seguir:

“NUNCA ESTARÁS A SÓS”

Francisco Cândido Xavier

“Ante a névoa das lágrimas, quando a incompreensão de outrem te agite os sentimentos, lembra-te de alguém que sempre te oferece entendimento e conforto.

Ante a deserção de pessoas queridas, quando mais necessitavas de presença e segurança, pensa nesse benfeitor oculto que jamais te abandona.

Ante as ameaças do desânimo, nos obstáculos para a concretização de tuas esperanças mais belas, considera o amparo desse amigo certo que, em tempo algum, te recusa bom ânimo.

Ante a queda iminente na irritação, capaz de induzir-te à delinquência, refugia-te no clima desse doador de serenidade que te guarda o coração nas bênçãos da paz.

Ante as sugestões do desequilíbrio emotivo, suscetíveis de te impulsionarem a esquecer encargos que assumiste, reflete no mentor abnegado que jamais te nega defesa, para que usufruas a tranquilidade de consciência.

Ante prejuízos, muitas vezes causados por amigos aos quais empenhaste generosidade e confiança, medita nesse protetor magnânimo que nunca te desampara e que promove, em teu favor, sempre que necessário, os recursos precisos à recuperação de que careças.

Ante acusações daqueles que se te fazem adversários gratuitos, amargurando-te os dias, eleva-te em pensamento ao instrutor infatigável que sempre te convida à tolerância e ao perdão.

Ante as crises da existência que te sugiram revolta e desespero, recorda o mestre da paciência que te resguarda constantemente na certeza de que não há problema sem solução para quem trabalha e serve para o bem sem perder a esperança.

Ante os desgostos e contratempos que te sejam impostos pelos entes amados, não te emaranhes no cipoal das afeições possessivas, refletindo no companheiro que te ama desinteressadamente muito antes que te decidisses a conhecê-lo.

E quando perguntares quem será esse alguém que nunca te desampara e que te garante a vida, em nome de Deus, deixa que os teus ouvidos se recolham aos recessos da própria alma e escutarás o coração a dizer-te na intimidade da consciência que esse alguém é Jesus..."

Extraíam do episódio suas próprias conclusões. Já obtive as minhas... Maravilhosas!

"Onde um ou mais estiverem em meu nome, lá também Eu estarei!" "Vinde a mim todos vós que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei!" (Jesus Cristo)

DOUTOR BEZERRA E O H1N1

Anteriormente já discorri sobre a atuação notável das falanges médicas da invisibilidade, com especial destaque às do Dr. André Luiz, Dr. Bezerra de Menezes, Lar de Frei Luiz e a associada à Instituição Joanna de Ângelis, não necessariamente nesta ordem, pois que se revezam conforme o caso, fiéis, dedicadas quanto assíduas - afora as muitas outras, anônimas, que nos assistem da invisibilidade com os seus recursos depurados no socorro aos males da alma e do corpo.

De um prisma pessoal, sem mencionar a miríade de acontecimentos sublimes que vieram atestar esta realidade maravilhosa, o acontecido com meu pai há alguns anos foi digno de nota. Meu pai repentinamente se descobrira vitimado por um carcinoma estomacal que perigosamente já se acercava de seu ponto limítrofe. Quando afinal deu pela doença, recorrendo ao competente facultativo médico que envidara a cirurgia bem-sucedida a que se submetera, fora avisado, sem meios-termos, de que aguardasse apenas mais um mês, e talvez que o problema reverteria insolúvel. O que vem ao caso aqui, todavia, não é tanto a intervenção médica pronta e eficiente, se bem sejamos a esta equipe, reencarnada, eternamente gratos. O que nos interessa mais de perto na oportunidade deste artigo, para introdução devida daquilo a que se propõe, é a forma como meu pai, até então, indiferente às realidades do Mundo Maior, passou, não de um ateísmo, mas de um estado de quase ceticismo para com tais Verdades, à condição de espírita convicto,

depois de ter visualizado, surpreendentemente, ao lado de seu leito de hospital em Aracaju, dois representantes da falange médica da Instituição Joanna de Ângelis.

Curado, ainda hoje não se cansa de repetir para todos a fascinante experiência direta com a qual tomara o primeiro contato com a espiritualidade. E agora, de meu lado, pretendo narrar-lhes, sucintamente, para o que o espaço permite, a mais recente vivência, dentre tantas outras ouvidas ou vivenciadas, pessoalmente, acontecida nos dias recentes, no decorrer do último mês e no meu âmbito familiar.

Nunca me esquecerei daquela manhã de sol balsâmico que procurava usufruir o mais possível, sentada numa das cadeiras de minha varanda. Mentalizava ardentemente as amorosas falanges médicas do espaço, desta vez rogando auxílio em benefício próprio. Não era para menos.

Uma semana difícil inteira já fora vencida em meio a preces em prol da minha filhinha, apontada pelo eminente pediatra de nosso conhecimento como sob suspeita do H1N1. Sem poder demonstrar o meu susto e agonia, dediquei-me aos cuidados, preces e aconselhamento seguro quanto competente do pediatra com infinito zelo, e não em vão. Porque vencido aquele período, o anjinho sob os meus zelos se viu francamente recuperada. Mas, de minha parte, sucumbia eu mesma, e de modo mais severo e sofrido, ao contágio da estranha moléstia que tanto desassossego vem desencadeando na humanidade durante os últimos meses.

Nova etapa sofrida. Intuitivamente cuidadosa de não dar voz nem extravasamento do que de fato acontecia diante das crianças, todavia, no universo íntimo, humana que

sou, pus-me a orar a Jesus e aos Seus prepostos, bradando veementemente em favor de um arremate a contento do inaudito drama. Presa, ora de uma dor de cabeça enlouquecedora que me fez baixar ao posto de saúde mais próximo para radiografias que me atestaram tomada de forte sinusite desencadeada pelo espectro gripal incommum, ora de um esmorecimento orgânico inédito a tudo vivido anteriormente, recorria às falanges médicas do espaço, que sabia sempre atentas e solícitas, alegando meus anseios de recuperação visando dar continuidade àquilo a que me propus com prioridade na presente etapa corpórea, qual orientar, quase que em situação de esteio em decorrência das particularidades de serviço do meu marido, os meus filhos, também de amparar minha mãe e de prosseguir no trabalho de divulgação das Verdades espirituais sob a égide de Jesus e amparo dos meus mentores. Não obstante reconhecesse soberana a Vontade do Altíssimo, cujas razões maiores para tudo nesta vida normalmente desconhecemos em sua plena significação, doíam-me as incertezas da hora que atravessava.

De fato, cortara definitivamente o hábito de assistir ao atualmente mórbido conteúdo do jornalismo televisivo, talvez que já sob a orientação segura dos amigos e familiares da invisibilidade atentos às necessidades de equilíbrio emocional e psicológico, base maior para qualquer cura do corpo. Distanciado o meu filho mais velho para a residência próxima de minha mãe, na tentativa de preservá-lo do contágio, dediquei-me intensa e aflitivamente às mentalizações e preces a Jesus, a par do tratamento clínico, rogando-Lhe a permissão para que os Seus pre-

postos acolhessem-me as súplicas de restabelecimento da saúde, para ainda, desta vez, comprovar não estar sozinha nos embates corpóreos, e que não nos falha, sempre que possível e que nos façamos merecedores, o devido concurso dos devotados agentes da invisibilidade.

Porque, e voltando ao introduzido no começo desta narrativa, olhos fechados, achando-me sob o sol cálido daquela manhã na nossa varanda, imersa em profundo estado de prece, de súbito, descerra-se, para mim, a visão espiritual e surge-me, sob grata e indescritível emoção, vívido coração de coloração azul rei intensa, entendido imediatamente como sinal claro de cura dispensada de forma amorosa, simbolizada pela Espiritualidade naquele gracioso formato.

Ato contínuo, o rosto inconfundível, de identificação inequívoca, do dr. Bezerra de Menezes, conhecido, reconhecido e admirado por todos os simpatizantes ou envolvidos nas lides espíritas, embora a atuação de suas falanges não se restrinja, de forma alguma, apenas a esses.

A partir disso, veio a cura, alívio e indizível estado de gratidão. E de robustecimento da fé, da humildade e da certeza de que, nos embates mais ríspidos da trajetória reencarnatória, ninguém se acha deserdado dos recursos infinitos com que a Misericórdia de Jesus nos brinda durante os nossos rápidos dias de estada na face material terrena.

Eis aí, caros leitores, a nossa nova crônica da vida invisível.

O CORAÇÃO DE TURMALINA AZUL

No último artigo desta série, contei-lhes sobre a vivência maravilhosa de contato visual com a falange de cura do Dr. Bezerra de Menezes, durante o último mês, quando vivenciei particularmente as agruras relacionadas à epidemia de H1N1 que, e felizmente, afinal dá sinais de estar declinando. Relatei-lhes a experiência única de ter obtido dos abnegados médicos do espaço a resposta aos apelos ardentes que lhes dirigia em socorro próprio e em momento de grande fragilidade orgânica, embora a suspeitosa gripe me tenha vitimizado de forma talvez que mais branda, quando, em se me abrindo momentaneamente a terceira visão num domingo de sol em que endereçava à Espiritualidade profunda prece, eis que me surge, nítido, o semblante do respeitável Dr. Bezerra, ladeado do meu mentor. Antecedendo-os, magnífico coração de tonalidade azul intensa, indiciando o trabalho claro de cura que os amigos das esferas invisíveis levavam a termo generosamente, imediatamente após o que me sobreveio a recuperação plena e satisfatória do estado de saúde.

O presente texto é em continuidade daquele, em decorrência do arremate que faltou lhes expor sobre o fato, surpreendente, acontecido em contínuo, logo depois daqueles difíceis dias de prova física e de teste de fé.

Viajamos em família para Natal, aproveitando as férias. Como de costume, de entremeio aos passeios a lugares paradisíacos e adorados do nordeste brasileiro que tanto e tão bem conheço, reservei um dia para a devida visita aos prin-

cipais artesanatos locais, dos quais se faz Natal, digna representante, oferecendo ao turista, amante das obras artesanais, infinito, original quanto valioso acervo. Numa tarde que não utilizamos para nenhum passeio específico, fomos a endereço onde se via vasta mostra de artesanato em lojas espalhadas por quatro andares. E lá me entreguei a um dos mais gratos hábitos de consumo, qual o de adquirir para decoração da nossa residência e para lembranças as miríades de objetos graciosos e exclusivos que só encontramos mesmo naquela região pródiga do Brasil, do ponto de vista artístico.

Foi numa daquelas lojas repletas de novidades que encontrei, dentre outros tantos colares, enfeites e anéis adquiridos, o belíssimo colar com grande pingente de coração em turmalina azul.

Comprei-o, com outro que trazia pendurado um lindo pingente de quartzo rosa em forma de gota. No momento, de forma alguma associei aquilo à visão que tivera durante o período recente de convalescença, o que só aconteceu dias depois, de retorno ao Rio, de maneira curiosa e surpreendente. Saímos felizes do grande artesanato e, quatro ou cinco dias depois, voltávamos para casa, descansados, carregando nossas lindas lembranças e aquisições.

De volta, e por ocasião do retorno ao trabalho, meu primeiro impulso foi usar o belo colar de coração azul. Só então, ao tomá-lo e pendurá-lo no pescoço, admirando-o em frente ao espelho, ocorreu-me a lembrança da visão anterior e a conseqüente associação com o que tinha em mãos, perguntando-me que bela pedra seria aquela, de uma tonalidade azulínea única, que correspondia estranhamente à do

coração luminoso, entrevisto, naquela tarde já distanciada, anterior à viagem e ao período de férias.

De imediato, uma voz se pôs a insistir, na audição interna, como se dentro da própria mente: "Pesquise sobre a turmalina azul!" E repetia: "Turmalina azul".

Isso se repetiu durante uns dois dias até que cedi ao impulso inusitado, e recorri à ampla pesquisa disponível nas ferramentas da internet, tanto em imagens quanto em textos.

E eis, depois de algum tempo, o que deparei, para fundo espanto e perplexidade, com fotos ilustrativas que me conferiram a certeza da correspondência do que lia com a maravilhosa pedra que trazia pendurada ao pescoço:

Turmalina azul:

"(...) Propriedades curativas sobre os nossos pulmões e sobre os órgãos da respiração. Promove uma melhor simbiose do pulmão e de troca de gases e o abastecimento de oxigênio(...)".
Fonte: www.lendaviva.com.br/site/turmalinaazul.html

Outro site ainda faz menção à característica curativa da pedra sobre a baixa do sistema imunológico.

Eis então, caríssimos, a conclusão dessa nossa sexta das Crônicas da Vida Invisível.

Não restam dúvidas de que algo que me comparecia à primeira vista como apenas mais uma lembrança do rico e variado artesanato de Natal se confirmou, antes, como a materialização, pela maravilhosa intervenção da falange médica das esferas espirituais, daquele presente das regiões

de luz da Vida, do coração azul que, aqui como nas dimensões invisíveis, representou a cura definitiva da sofrida moléstia respiratória que tanto flagelou o mundo no decorrer dos últimos meses.

Com amor e gratidão eternos ao Dr. Bezerra e seus amorosos assistentes.

CURIOSOS CASOS MEDIÚNICOS

O bom de se conviver. Sempre e sempre histórias surpreendentes. Novos e antigos conhecidos nos dando, espontaneamente, a saber, em meio a diálogos enriquecedores, suas vivências, fatos que contribuem, de maneira renovada de tempos em tempos, para patentear a existência de outras realidades da vida, ainda pouco compreendidas pela nossa ciência oficial e pelos que ainda não despertaram para as coisas que acontecem indiscriminadamente, com este ou com aquele em todos os lugares do mundo, independente de orientação religiosa, crenças ou descrenças.

Desta vez, a conversa era com duas conhecidas, uma, já de muito tempo, pelo menos dez anos de convivência profissional. Outra, por sua vez, uma colega que nos chegou esta semana, uma mocinha nova e bonita, em vias de dar à luz seu segundo filhinho.

Com o consentimento de ambas, pois, divido com meus leitores os seus relatos, que verdadeiramente me encantaram e surpreenderam. Anote-se que nenhuma das duas é espírita: Flávia, a mais nova, declara-se sem orientação religiosa definida. Não obstante, gosta de coletar relatos aqui e ali. É aberta a ouvir; percebe-se com clareza, nela, um espírito aberto e despojado de preconceitos. A segunda, Maria Cláudia, é judia convertida. E também dada a conversar e a dividir experiências, sem julgamento de mérito.

Foi justo, pois, quando relatava para elas minhas vivências relacionadas à mediunidade e à publicação de nos-

sas obras psicografadas, que se ensejou a proveitosa troca de vivências.

Flávia conta que, certa vez, com o marido e a filhinha mais nova, visitava um forte na Bahia. A menininha, pequenininha mesmo, não mais que quatro anos, em dado momento, olha para um lado e começa a falar com alguém. Só que não há mais ninguém em volta, além dos três. Então, procurando não denunciar reação anormal, visível, com o que presenciava, Flávia indaga:

– Com quem você está falando, meu amor?

Ao que a filhinha responde, com toda a naturalidade:

– Com a moça.

Ela continua falando com a "moça", olhando para o vazio. E Flávia comenta:

– Ah, é, filhinha? Então, pergunte o nome da moça!

A filha pequena prontamente a atende e, então, responde-lhe o que, pelo jeito, entendeu da resposta da moça:

- "minina"(*)...

Flávia e o marido aceitam a resposta, prosseguindo no passeio turístico, observando detalhes em torno.

Só foram entender ao alcançarem um canto próximo de onde estavam, onde uma lápide, ou placa indicativa, fazia menção a algum personagem feminino participativo da antiga história daquele forte:

“Firmina”.

O outro caso, quem nos presenteia com ele é a Maria Cláudia. Em época de estudos no antigo segundo grau e atual nível médio, ela assistia à aula de História, durante a qual o professor expõe em detalhes algo sobre a época da Revolução Francesa, e de quando um certo personagem

feminino da nobreza, de quem ela não se recordava no momento o nome para nos mencionar, fora enforcado, período de cujos detalhes, diga-se, ela não detinha o menor conhecimento.

Neste ponto, eis que ela se levanta, sem mais nem menos, de onde estava sentada, e, de pé, alega ao professor estupefato:

– Não foi nada assim, o que aconteceu. O que houve foi isto e isto e isto. Fui enforcada deste e daquele modo, por isto e por isto... – mencionando, de resto, personagens, o rei da época, ligado ao país o qual eram explicados aqueles fatos.

Falou, falou, falou. Sentou-se de volta. E continuou impassível, como se nada tivesse acontecido.

Aprensivo, e comunicando à administração do colégio o fato, foi chamada a sua mãe, para tomar ciência do acontecido. Depois, em outro momento, ao afinal tentar conversar com Maria Cláudia sobre o estranho acontecimento e entender as causas, a perplexidade: ela não se recordava de ter feito nada daquilo.

Os detalhes que impressionam neste segundo relato: Maria Cláudia estudou em colégio de origem francesa. Estudou francês. E adora a língua, bem como a França, de graça, a chamada atração natural. E, a par do que acontece comigo mesma, ainda nesta atual vida material sendo sutilmente "orbitada" pela Itália, onde reencarnei inúmeras vezes, e nutrindo pelo país uma admiração absurda e sem causa aparente, de vez que nunca, nesta reencarnação, o visitei, dentre outros fatores tendo colocado sem saber meus dois filhos num colégio do Rio de Janeiro cuja sede é em Sobor-

na, sendo bisneta de italianos, casada com outro bisneto de italianos, e só conhecendo o detalhe muito depois, assim também, com Maria Cláudia, a França a "órbita" nesta etapa terrena, em nuances claramente perceptíveis, mas somente quando paramos para conversar com ela com maior vagar.

Por último, ela nos revela: não aguenta qualquer tipo de gola ou acessório que lhe façam pressão no pescoço. Simplesmente não tolera porque lhe provoca falta de ar.

Ofereço, assim, estes casos maravilhosos à apreciação e reflexão dos amigos e leitores do Somos Todos Um, como mais uma fonte valiosa de aprendizado sobre as realidades maiores da Vida.

Grande abraço a todos.

(*) Aos que talvez desconheçam o fenômeno mediúnic nas suas minudências, cabe aqui esclarecer que, nos casos de audição de espíritos, há relatos e vivências que nos atestam que nestas ocasiões muitas vezes o que se ouve são vozes que nos chegam como que distantes, indistintas, como se provenientes de uma estação de rádio mal sintonizada. Os fenômenos da transcomunicação instrumental aí estão para disso nos dar mostra. No caso de uma criança ainda em fase de aprendizagem verbal, o que sucedeu é que, em entreouvindo, certamente de modo impreciso, os fonemas i m i n a, retransmitiu à mãe "minina", em resposta ao que lhe foi indagado do que entendeu do nome perguntado à entidade, espírito provavelmente vinculado ou escravizado à história daquele forte de forma significativa, pois é sabido que há casos de muitos que se apegam, por séculos, a lugares, como este, ou a castelos ou outrem, que lhes tenham marcado dramaticamente a trajetória

terrena. Isso, somado ao fato de uma menina, assim, pequena certamente não estar simulando nem forjando nada, acrescentando ainda não possuir a família nenhum pendor espiritualista que justificasse estar a criança de algum modo familiarizada com este tema, nos empresta a convicção de ter se tratado, o caso, de uma prova autêntica de comunicação de um espírito desencarnado com a criança, considerando-se, ainda, ser comum, nesta faixa etária, a percepção relativamente fácil do que se passa nas dimensões invisíveis adjacentes à Terra, já que o espírito só completa seu processo reencarnatório aos sete anos, mantendo até aí, com facilidade, seu vínculo perceptivo com a invisibilidade, segundo nos ensinam as obras doutrinárias mais credenciadas.

O CASO DA DOADORA OCULTA

Contarei este caso, por razões evidentes, modificando referências e o nome da pessoa envolvida, a pedido, e visando também resguardar uma situação obviamente delineada por intervenção direta da Espiritualidade Superior.

É um caso relativamente curto, mas que impressiona. Relata certa conhecida que, tempos atrás, desejosa de contribuir como doadora num Centro Espírita que frequentou durante muitos anos, para sua surpresa, teve sua intenção negada, porque, por algum lapso burocrático da própria Instituição, não constava nos registros a sua presença, ainda que tenha fielmente frequentado sessões preparatórias de evangelização, doutrinação e passes durante vários anos.

Argumentou-se que, anos depois, e sem provas palpáveis de ter sido, ela, uma frequentadora contumaz, não poderiam ser aceitas suas doações. Eram regras da Casa. Mesmo que, ela bem o notou, uma senhorinha de maior boa vontade tenha compreendido seus melhores intentos, dando a entender que, se dependesse dela, não procederia de maneira tão rígida, afinal de contas, sua intenção era das mais nobres. Queria apenas, e mesmo por gratidão aos benefícios recebidos daquela Casa espírita anos antes, retribuir de algum modo e com atitude que visava, acima de tudo, gratidão e anseio justo de contribuir com alguma parcela, ainda que modesta, para as campanhas beneficentes que regularmente o Centro promove na localidade de sua residência.

Todavia, Amanda, vamos chamá-la assim, mulher pacífica que sempre fora, não querendo afrontar diretrizes justas da Casa, não insistiu, embora o houvesse sentimento de frustração e de algum desânimo. Afinal, ajudar, sempre poderia, em qualquer outra circunstância. Entregou suas intenções e pensamentos aos desígnios divinos e aos pareceres da Espiritualidade assistente, e tomou o caminho de volta para a sua casa, meditativa.

Passou o tempo, talvez dois ou três anos. E, então, decidiu-se mudar de residência para um lugar mais tranquilo e condizente com o seu temperamento, desde que, até então, morava em rua frequentemente tumultuada pela azáfama constante do trânsito, do barulho movimentado dos transeuntes e da poluição típica das vias de grande congestionamento. Conseguiu um apartamentinho de acordo, em rua residencial tranquila do mesmo bairro e, satisfeítíssima, se mudou para lá com toda a sua família.

Vão-se alguns dias e, junto com a correspondência habitual, para a sua imensa surpresa, chega um boleto de pagamento, no nome do morador anterior do apartamento. Um inquilino, que deixou a cidade para retornar ao seu estado de origem devido à sua não adaptação à agitação de uma cidade grande como o Rio de Janeiro, que acabou por lhe afetar a saúde.

Admirada, mesmo, e boquiaberta por ser o boleto originário daquele mesmo Centro Espírita ao qual ofereceu sua doação, sem sucesso, tempos antes, ousou abri-lo. Constatou-se tratar justamente de documento apropriado à doação mensal em favor da Instituição e que, provavelmente, o senhor que ali residira anteriormente, sendo um fre-

quentador, não deu caso de comunicar a sua partida, na certa precipitada, de volta para o seu estado distante, razão pela qual ficara a situação por isso mesmo, sem arremate, ocasionando que, sem o devido aviso, continuou o Centro a enviar regularmente para o endereço, o carnê de doação àquele voluntário.

E Amanda sorriu largamente. De imediato, compreendeu a mão inefável da Espiritualidade assistente daquela Casa, agindo em seu favor, e em reconhecimento à sua despreendida boa vontade.

A Casa Espírita, por razões de ordem menor, recusara-lhe a contribuição bem-intencionada, mas as falanges das dimensões invisíveis da Vida, que sempre aproveitam oportunamente a colaboração ofertada de coração aberto pelos reencarnados que somam os seus esforços aos da Invisibilidade em favor dos necessitados, aceitaram-na. E, estranhamente, conduziram-na para um contexto o qual não apenas conquistou a moradia que lhe satisfizesse aos anseios modestos, mas também teve atendido o anelo justo de oferecer a sua cota de auxílio para as campanhas do Centro que frequentara, dedicada, anos antes.

Até hoje, portanto, Amanda paga, infalível, as suas parcelas de ajuda a determinado Centro Espírita do Rio de Janeiro, como doadora oculta, por detrás do nome de um senhor que deixou a cidade para voltar a residir num dos belos estados do ensolarado nordeste.

O homem põe, mas a Espiritualidade dispõe.

DE QUE SÃO FEITOS OS SONHOS? - I

Há um capítulo num de meus livros psicografados que tem este título.

Trata exatamente disso: de que são feitos os sonhos, só que de uma perspectiva espiritual. A do nosso desprendimento noturno do corpo durante o período do sono. Daquele momento de desafoço experimentado por todo reencarnado, quando deixamos no leito a roupagem exausta das atividades do dia para nos entretermos com a continuidade das realizações mais gratificantes, conferidoras da liberdade mais ampla, quais as que efetuamos quando destes retornos periódicos ao nosso mundo maior.

Lembro-me de que, não faz muito tempo, durante os meus exercícios de meditação anteriores ao sono, mentalizei firmemente a vontade de me avistar, durante o desprendimento, com este que é o meu Mentor das esferas invisíveis. Atravessava um período de certa ansiedade relacionada aos meus projetos de vida, que me constrangia a esta necessidade irreprimível. Elevei intensamente o pensamento a Jesus, a nossa Autoridade espiritual maior, e a ele, Fábio, rogando me proporcionassem esta graça reconfortante. Gostaria de me recordar, no retorno ao meu corpo físico. Enfatizei, contudo, guardar entendimento de que eles, mais do que eu, conheciam as possibilidades reais de tal tentame e, portanto me submeteria às suas diretrizes. Nada obstante minha sincera intenção de que tal se realizasse, saberia compreender se nada acontecesse, entendendo que elementos outros, de ordem espiritual, facilitam ou dificultam a

concretização dessas coisas, já que os fatores eventuais de ordem fluídica, vibratória e a barreira natural do cérebro físico nem sempre permitem o acesso livre e desobstruído à visualização fiel daquilo que se dá durante as nossas incursões noturnas pelas paragens invisíveis.

Foi maravilhoso. Não seria a primeira vez que com ele me avistava por este método, de vez que outros encontros se deram dessa forma, nítidos e peculiares demais para que se os confundisse com os sonhos comuns.

Caio me aparece sempre, nessas ocasiões, com a mesma aparência que me permite identificá-lo, fielmente, e em situações e lugares maravilhosos, transmissores de uma paz espiritual indescritível. Pois ainda desta vez, não se sabe em mobilizando quais recursos para atender-me ao apelo, o bondoso e querido mentor não me decepcionou: despertei de chofre, com a lembrança nítida do nosso encontro e do diálogo que mantivemos. Recordava claramente de que me ver, assim, tão objetivamente próxima dele, como se conversando com qualquer amigo quando desperta, num ambiente plenamente definido, passou-me uma certa sensação de estranheza em relação à sua pessoa, de mistura com a alegria quase eufórica que experimentava. Compreensivo, ele me abraçou, explicando: “Você precisa se reacostumar com a minha presença física, minha querida”.

Nada mais compreensível. Ele aludia ao nosso contato, que na contingência específica desta minha vida física, impunha-nos o tempo todo o elo mediúnico que temos comungado, através da psicografia e, pode-se mesmo dizer, da telepatia nítida em determinados momentos em que nos comunicamos sem o uso da palavra escrita. Natural que,

enquanto mergulhada neste gênero de experiência própria aos encarnados, temporariamente apartada dele pela convivência "visual", e tendo a memória obscurecida para as realidades que nos são comuns na nossa pátria espiritual de origem, causasse-me estranheza estar de repente vendo-o de uma forma tão incisiva, com riqueza, mesmo, de detalhes da sua própria aparência, e sentindo o seu abraço carinhoso como qualquer um dividido com meus companheiros de jornada reencarnados ao meu lado, no momento presente.

Este relato é uma ilustração daquilo que ocorre com todos, frequentemente, no período do desprendimento pelo sono noturno, ao qual deveríamos maior atenção pelo muito de vivência útil que colhemos em relação às nossas realidades espirituais.

Sem ignorar que, indubitavelmente, os sonhos algumas vezes contêm uma amálgama confusa derivada daquilo que povoa o nosso subconsciente, preocupações, medos, anseios relacionados às nossas ocupações cotidianas, entretanto, o inegável é que, para aquele que se volta ao estudo sério e ao desenvolvimento da consciência desperta, da atenção ao que ocorre durante esses estágios de libertação do corpo material, não se demora muito a constatação da singularidade da experiência. Gradativamente se faz bastante claro ao nosso entendimento o que é simples sonho e o que não é, ou antes, o que são antes as recordações, (distintas do sonho comum), embora nem sempre completas e nítidas o suficiente, do que fizemos durante o nosso desdobramento noturno; quem encontramos, o que ouvimos deles, o que dissemos, os lugares visitados.

Ainda voltarei a este assunto oportunamente, com outras ilustrações de maravilhosas experiências vividas que, indubitavelmente, vieram atestar a realidade, ainda enquanto aqui encarnada, dos seres espirituais que somos, tendo à nossa disposição um universo de vida muito mais vasto do que transitoriamente supomos, enquanto mergulhados nos parâmetros acanhados do nosso aprendizado na vida física.

DE QUE SÃO FEITOS OS SONHOS? - II

Continuarei aqui o assunto abordado no último artigo sobre o que acontece durante os nossos desprendimentos do corpo físico e de quando, eventualmente, guardamos alguma consciência daquilo que fizemos nestes retornos diários ao mundo maior da espiritualidade, quando encontramos pessoas conhecidas, ou supostamente desconhecidas, visitando lugares e exercendo atividades as mais inimagináveis.

Refiro-me acima a pessoas "supostamente" desconhecidas e acrescento que visitamos também lugares "supostamente" desconhecidos baseando-me na minha própria experiência neste sentido, porque pude comprovar, há algum tempo, que lugares e pessoas que encontramos e visitamos durante o nosso período de desprendimento do corpo físico, mais das vezes, são antes nossos antigos conhecidos, sim. Apenas que, mergulhados no condicionamento severo de percepção imposto pelas limitações da vida na matéria, não possuímos as condições para acessar integralmente a memória de todas as vivências que trazemos de vidas passadas e destas incursões, por ora periódicas, nos domínios das outras dimensões da vida.

Pude constatar no decorrer dos anos e dos estudos neste sentido, que as lembranças fiéis ao que acontece conosco nos nossos desprendimentos durante o nosso sono não "desaparecem" com rapidez, como acontece com os sonhos comuns. São de uma nitidez impressionante e normalmente ficam "marcadas" vigorosamente na nossa memória, mes-

mo muito tempo depois. Foi o que ocorreu comigo num episódio pitoresco e inesquecível.

Há vários anos, guardei na memória, com bastante nitidez, um aparente "sonho", no qual eu visitava, na companhia de uma moça à primeira vista desconhecida, um lugar de cujos detalhes até hoje me recordo com clareza indiscutível. Era um prédio de tonalidade parda, com várias janelas enfileiradas em dois ou três andares, lembrando um edifício antigo. Defrontava uma espécie de largo onde se viam algumas árvores, e na hora em que lá estive, encontrava-se iluminado e cheio de gente, como se houvesse ali, naquele momento, alguma festividade ou evento público. Entramos durante alguns instantes, sem muita demora, e saímos o que me facultou ver também os arredores da perspectiva da saída do prédio.

A visão do lugar era, repito, de uma clareza impressionante, mas até o que sabia, enquanto desperta no corpo físico, tratava-se de lugar incógnito para mim, ao menos no ambiente familiar da minha cidade. Naquela época, nunca havia viajado para nenhum local distante demais do Rio de Janeiro, e mesmo hoje conheço apenas outros estados do Nordeste do Brasil, o que desautorizava uma suposição de que tal quadro fosse uma recordação de algum local visto antes, e caído no esquecimento posteriormente.

Passados vários anos, no entanto, como dito, estranhamente esta visão nunca se removeu das minhas lembranças, até que, recentemente, empenhada em estudos do período histórico da antiguidade romana, em decorrência do teor de um livro psicografado do meu mentor, em vias de ser lan-

çado, durante uma pesquisa de imagens na internet, tomei um choque que me gelou o estômago.

Diante de mim, no monitor, entre as fotos da rica arquitetura histórica romana, dei de cara com o prédio visto anos atrás no meu desprendimento. Idêntico! Nenhuma dúvida possível, até mesmo o ângulo de visão era o mesmo. As janelas, o largo dianteiro, as árvores, tudo. Avidamente busquei outras fotografias, escrevi ao webmaster solicitando, se possível, que me remetesse outras fotos do edifício e dados sobre o mesmo, ao que ele, gentilmente, não tardou em me atender. E o meu assombro se completou: tratava-se do Teatro de Marcelo, mandado construir inicialmente por Júlio César, e terminado por Augusto, que lhe pôs o nome em homenagem ao seu filho Marcelo.

Passado o assombro, veio-me o entendimento, indiscutível: visitei, no meu desligamento do corpo, locais onde anteriormente vivera, como é narrado nas minhas obras psicografadas que falam, entre outras coisas, das minhas várias vidas em Roma, na antiguidade. O cérebro material, efetivamente, não guardando registros claros disso e não tendo eu visitado aquele país na presente vida na matéria, naturalmente não ofereceu lógica à minha compreensão em vista do que via durante aquela visita noturna. Mas o local definitivamente existe, como me foi dado constatar desta forma maravilhosa, anos depois, e foi visitado por mim durante o sono noturno, evidenciando a sublime liberdade que desfrutamos, quando libertos do corpo, para ir e vir na pátria espiritual, na companhia de pessoas amigas, em visita saudosa ou instrutiva de locais novos ou percorridos outro-

ra, no decorrer das nossas reencarnações em vários outros países e lugares.

Esses acontecimentos merecem registro e a nossa mais séria dedicação ao estudo e à reflexão, por guardarem, no seu significado, a constatação irrefutável daquilo que, uma vez entendido em plenitude pela humanidade num futuro talvez não tão distante, venha a consolidar uma nova era de esperança e reformulação de propósitos, durante o tempo em que aqui nos demoramos em aprendizado e no trabalho ativo da construção de um mundo melhor, com vistas a uma harmonização definitiva entre os seres. Porque, uma vez assentada a magnitude incontestável da nossa trajetória e dos objetivos da jornada humana para além das paisagens transitórias da materialidade, talvez, afinal, entenda-se, definitivamente, e na prática dos nossos dias, a necessidade inadiável de uma harmonização pacífica da vida humana com vistas a um salto qualitativo do orbe físico, do atual mundo de provas e expiações para o projetado plano regenerativo, de realizações mais ricas em luz e beleza e mais refinadas em essência para a felicidade do espírito humano.

DE QUE SÃO FEITOS OS SONHOS? - III

Em continuação ao tema abordado nos últimos dois artigos, ilustrativos de realidades, que certamente não são só minhas, mas de qualquer pessoa que passe por acontecimentos relacionados à eclosão de sua sensibilidade mediúnica e extrassensorial, relato agora quatro episódios curtos. É importante enfatizar que a relevância destes textos é sempre, prioritariamente, compartilhar com os leitores a constatação pura e simples de acontecimentos relacionados a dimensões outras da nossa existência, absolutamente cotidianos e acessíveis, frequentemente, à percepção de muitos, e não, em nenhuma hipótese, a exaltação de quem os vivencia à conta de seres incomuns, além ou acima da média da humanidade, pois nunca é demais repetir, como bem aludiu Mário de Carvalho no seu "Cem Perguntas e Respostas Sobre a Mediunidade", que médiuns, em princípio, são todos; um dia tais ocorrências se darão cotidiana e tão espontaneamente, quanto o despertar diurno, na medida em que avance o padrão vibratório espiritual em consonância com o progresso evolutivo da humanidade, pois o destino indubitável de todos será a linguagem do domínio da alma, onde reside a nossa essência e realidade última, acima das ilusões momentâneas das severas limitações sensoriais da vida na matéria.

São estes, portanto, alguns dos episódios indiciadores daquilo que constitui os nossos sonhos, durante os nossos desprendimentos periódicos do corpo material:

– Há alguns anos, tendo transcorrido vários meses do falecimento do meu avô materno, ele me surgiu num aparente "sonho", nitidamente, na sala da minha casa, risonho e bem-disposto. Lembro-me de que exclamei alegremente quanto me surpreendia a sua aparência remozada, de um homem na casa dos cinquenta anos, quando na verdade um derrame fulminante o levou com oitenta e quatro. Ele entrou na sala, sentou-se ao meu lado no sofá, e me ofereceu uns biscoitos, que dizia ter trazido para mim do lugar onde agora estava. E perguntava pela minha avó, ao que respondi que ela tinha sido levada para a casa de uma tia que na época residia em Petrópolis, cidade serrana no Rio de Janeiro, na intenção de espairar e tomar bons ares, pois se via muito abatida desde o seu falecimento. Ele ouviu e me respondeu que era uma boa medida, que tinham feito bem em levá-la. Quando acordei no dia seguinte, para meu espanto, durante o café da manhã, minha mãe me disse que havia acabado de receber um telefonema da irmã dizendo que minha avó fora levada para Petrópolis no dia anterior, por se achar ainda muito abatida com o passamento do meu avô, novidade que me chocou por completo, tendo em vista que não tinha a menor ideia disso até aquele momento, e que me acorria, vívida, a lembrança da "visita" de meu avô em sonho e de tudo o que dissemos um ao outro.

Não resta dúvida, portanto, de que foi mesmo uma visita, e que, no estado de desligamento no qual eu me achava, tive acesso a uma "pré-ciência" daquela viagem de minha avó, da qual só teria conhecimento no estado de vigília no dia seguinte, ao acordar.

– Em outra ocasião, projetei-me para fora do corpo físico durante o sono noturno e me vi na posição exata em que me achava na cama, os lençóis com que me cobria, o quarto, etc. No mesmo instante despertei de chofre, recordando a consciência no corpo físico e, tal como no desligamento, me pus de cotovelo e me vi deitada exatamente na posição (de lado) na qual tinha me visto no desprendimento, e o modo idêntico como os lençóis se achavam espalhados sobre a cama.

– Num outro desprendimento noturno, avistava minha mãe ao lado da minha cama com as mãos estendidas sobre o meu corpo, como se me aplicasse passes, em atitude de prece; "tombei" de volta ao corpo, mas a lembrança da visão se manteve nítida até quando despertei pela manhã. Comentei com ela o que tinha acontecido, e, espantada, ela comentou que, preocupada com o meu estado adoentado na época, se mantivera longo tempo pela madrugada mentalizando preces à espiritualidade em meu favor.

– Houve uma vez, há muitos anos, ainda na fase da adolescência, em que saí algumas vezes com um rapaz que conhecera e com quem engatilhava uma espécie de início de namoro. Havíamos combinado de sair num fim de semana, mas, de sexta para sábado, pela manhã, saltei do leito como se impelida por uma mola, dominada por impressivo mal-estar, e lembrando com nitidez de uma visão que tivera deste rapaz me dizendo que não poderia mais sair comigo no fim de semana, porque reatara um namoro com uma moça com quem tinha brigado anteriormente. Desejava ser honesto comigo, e por isso preferia "dar-me logo aquela notícia chata". Passou o dia e, como ele não me telefonasse

como prometera, e impelida pelo mesmo mal-estar com que acordei, resolvi eu mesma ligar; e escutei dele que "já ia mesmo me ligar", porque (idêntico, em todas as vírgulas, ao que eu ouvira dele no suposto "sonho") queria me dar de uma vez uma "notícia chata". E contou, para meu pasmo, que voltara com uma namorada com quem tinha brigado e, por causa disso, não poderia mais sair comigo. Pediu desculpas, mas o estarecimento do momento foi tamanho, que nem me abati pela notícia em si; a perturbação foi tanta, que cheguei mesmo a cumprimentá-lo pelo acontecido, dar-lhe parabéns, desejando-lhe felicidades com a namorada com quem voltara.

E durante a minha vida acontecimentos apaixonantes têm se repetido, tanto mais conforme foram se estreitando os meus laços fluídicos com a espiritualidade assistente dos meus trabalhos e da minha atual jornada terrena.

Atentemos nas estranhas "coincidências" que todos colhem periodicamente, mas que, arrastados pelo turbilhão com que a vida moderna nos sufoca no desempenho múltiplo das nossas atividades, não damos, talvez, a necessária atenção: sonhos, intuições, indícios estranhos que se cumprem de uma hora para outra. Aqueles amigos que não vemos há anos e que aparecem de repente, logo após passarmos um dia inteiro nos lembrando deles, sem nenhuma razão plausível; ouvir o famoso "você não morre tão cedo", quando procuramos por alguém que falava justamente a nosso respeito; aquelas vezes em que "adivinhamos" os pensamentos dos outros, falando as mesmas palavras e frases simultaneamente; desconhecidos "aparentes" que vemos nos nossos sonhos, mas de quem guardamos inexplicavel-

mente todos os traços da fisionomia. Tudo isso são indícios claros de que a linguagem da alma opera vigorosamente, mesmo enquanto aqui estamos, imersos nas vivências do meio vibratório material mais pesado e obstrutivo da nossa percepção espiritual nítida. É a tomada de consciência prévia dessas coisas que nos leva a viver mais intensamente a nossa vida verdadeira, a vida espiritual, mesmo enquanto ainda reencarnados, atestando, de modo incontestado, a essência da nossa existência. "Somos seres de Luz, não esta matéria tosca", já afirmava Yoda, um personagem divertido e sábio da série a um só tempo mística e lúdica de George Lucas, "Guerra nas Estrelas". Aprendamos a confirmar isso em nós mesmos quanto antes, em favor da nossa felicidade e da dos nossos semelhantes e em nome da compreensão definitiva da inutilidade do ódio e do egoísmo, da realização do nosso glorioso destino espiritual, em amor e em paz, na eternidade.

DIA A DIA MEDIÚNICO - I

Esta noite aconteceu de novo. Muitos possuem certa sensibilidade mediúnica e comentam estas vivências. Naquele finzinho de madrugada, quando estamos entre lá e cá, por vezes acontecem encontros, cenas, fatos interessantes dos quais, todavia, por se darem naquele limiar da nossa volta, não são lembrados com exatidão. E às vezes isso chateia. Hoje, por exemplo, recordo com clareza que durante um longo intervalo do desprendimento noturno conversei com conhecidos e houve trocas bem-humoradas e compartilhamento feliz de acontecimentos. Mas também conversei com o meu atual parceiro das invisibilidades, autor de minhas próximas obras mediúnicas. E lembro bem, ele me dava algumas sugestões e conselhos para o dia a dia.

Trata-se de Iohan, um espírito sensível, muito amoroso; um artista em sua essência. Dizia-me alguma coisa importante a qual eu dava o máximo de atenção, feliz com o diálogo proveitoso. Pois, de repente, como fio subitamente arrancado da tomada ou corte de energia elétrica em meio à produção de um trabalho importante no PC, reabri os olhos. Voltei, de abrupto, e, embora me console saber que a conversa certamente se concluiu e que o que na verdade falhou foi somente o registro final, no cérebro, daquelas impressões tão agradáveis, a frustração fica.

Ainda ontem, também meu pai me digita no celular, de Aracaju: “Estou aqui lendo Caminhos da Alma”. Recebi a mensagem e, confusa, respondi de volta: “Que livro é este?”

Meu pai deve ter dado boas risadas ao me responder mais uma vez: “Pergunte à Tarsila que ela lhe explica!” E, só então, minha ficha caiu.

Tarsila é a autora do meu último livro, *Ecos na Eternidade. E Caminhos da Alma*, entendi, enfim, para meu pasmo, é apenas o título do primeiro capítulo, que se apagou da minha memória, simplesmente, como usualmente acontece após o recebimento das obras. Característica da modalidade da psicografia mais apropriadamente chamada semimecânica, na definição clássica da Codificação – de vez que nem é totalmente consciente, nem inconsciente, é comum que mais da metade dos detalhes caiam numa espécie de inexistência na memória do médium, com o fim do trabalho, razão pela qual durante esta semana comentei com um amigo, que se disse interessado em ler o próximo livro de Iohan. Também estou ansiosa. É que, para o médium, no fim das contas o prazer é o de quem lê um livro novo.

Trata-se de nuances de sensibilidade mediúmica, peculiaríssimas de uma para outra pessoa, mas fáceis de se verificarem no cotidiano, embora, na grande maioria dos casos, não sejam devidamente observados e interpretados. Desse modo, são praticamente ignorados a conta de minúcias sem importância, despercebidas sob o peso da avalanche de obrigações e atividades que nos arrastam na maior parte do tempo da nossa jornada material.

Ainda outro dia aconteceu também novo episódio, minha filha expressou uma frase que estava na ponta da minha língua sobre algo que via na TV. Também, tão logo eu e Iohan, um músico, principiamos nossa parceria, simultaneamente, vinda de pessoas que nem ao menos me conhecem

pessoalmente, uma sucessão deliciosa de e-mails com belas imagens, textos versando sobre o papel importante das energias da boa música na influência saudável dos nossos dias.

O conjunto de fatos, analisado em conjunto, reverte maravilhoso. Uma profusão de se adivinhar pensamentos, de simultaneidade de ideias e de trocas de mensagens e de atitudes que vêm em nosso auxílio da parte de pessoas afins, que nem mesmo detêm a consciência de que estão em plena sintonia momentânea com algum período especial de nossas vidas.

Um telefona e comenta algo útil e bem a propósito. Outro inicia conosco algum assunto prazeroso, que mais à frente deságua em ideias oportunas. Ainda alguns completam nossas frases ou nos incentivam em momento estranhamente necessário. Ou compartilham alguma experiência cujo relato funciona como ótimo aprendizado, em hora certa. Prestamos auxílio a alguém que se socorre do nosso apoio e orientação, e mais à frente descobrimos que o auxílio foi mútuo, por essa ou por aquela razão inesperada. Ganhamos um amigo precioso, um afeto sincero que nos oferece novas oportunidades de crescimento, em verdade, após aquela chance tão diminuta de só apoiá-lo nalgum momento de necessidade.

Recordo-me bem de vezes valiosas em que isso aconteceu. Ocasões em que, por ter tão somente sido solidária com pessoas de minhas relações, terminei conquistando amizades preciosas que me valeram sempre, posteriormente, com carinho e sugestões úteis. Em suma: com autêntico aprendizado de vida.

É assim, pois, que funcionam as leis da sintonia, ao nos dispormos a vibrar e a viver na luz e na criação de situações úteis para a vida, sobretudo, para muitos outros além de nós mesmos.

E nos basta para tanto, talvez, que não mais do que gosto franco de viver. A liberação feliz da criatividade entusiasmada, dormente em cada um de nós, à espera que a expressemos com generosidade e destemor.

Seja no lazer, no trabalho, na convivência. No médium escritor, pelo não esmorecimento na atividade que tanto alento e esclarecimentos veiculam a pessoas ansiosas por saber, através do doce sabor do se embevecer com um simples romance espírita. No passe aplicado com sinceridade, na mediunidade desobsessiva, num simples estender de mão.

Descobriremos, fatalmente, que nunca nos achamos sozinhos. Amigos em sintonia nos comparecem, aos grupos, felizes, entusiastas desta química amorosa tão grata, tão curativa. Eles simplesmente vêm, como em passe de magia. E novas parcerias surgem. Renovam-se afetos e cresce, a limites inimagináveis, nossa simbiose no Amor. Ainda que, após as etapas noturnas de desprendimento, não nos recordemos de todos os nossos bate-papos.

DIA A DIA MEDIÚNICO – II

Saí de casa pela manhã hoje com alguns pensamentos insistentes rodopiando na mente. E dizia para mim mesma que se não conseguisse resolver a contento determinadas pendências, bem irritada, voltaria à noite, tendo em vista tratar-se de questões que dependiam dos horários comerciais dos dias úteis. Sendo, hoje, uma véspera de feriado, naturalmente o que não se resolvesse seria empurrado obrigatoriamente para sexta-feira, o que me faria permanecer com os pensamentos presos durante todo o dia de amanhã nos mesmos assuntos, sem conseguir relaxar, e isso me incomodava de forma quase exasperante.

Em meio às conjecturas, a voz conhecida das esferas espirituais que mais me acompanha nos últimos tempos nos trabalhos literários espíritas, para certa surpresa minha, de repente se fez ouvir: "Você vai ter um dia bom hoje, não se preocupe." Avisou, como se querendo me preannunciar que tudo o que me afligia teria um desfecho a contento, e continuou: "Mas acho que não adianta muito lhe dizer isso. Está numa fase em que sempre duvida, ou do que estou dizendo, ou de que de fato estou aqui, quase batizando-me de amigo imaginário."

O comentário se fez ouvir, nítido, à minha audição interna, provocando-me imediata vontade de rir, ao perceber a habitual e deliciosa ironia de Iohan ao meu lado. Reconhecia a verdade do que dizia. Atravesso mesmo um período agitado nas rotinas diárias, que, de maneira quase inevitável, chumba-me em desagradável descenso

vibratório que atrapalha a sintonia perfeita com os habitantes da dimensão onde ele se encontra. Situação que, de resto, lança o médium, com frequência, nessas panes transitórias de segurança íntima em relação aos seus contatos com os amigos da vida espiritual, mesmo os mais constantes, como é o caso de Iohan, Caio e Tarsila, os três mentores adoráveis, cujos retratos mediúnicos encimam este artigo.

Passou-se o dia normalmente no trabalho diário, com as ocupações costumeiras, embora, volta e meia, entremeadas com o retorno recorrente aos meus pensamentos das questões que queria resolver, e para as quais até certa hora ainda não me ofereciam novidades, pois se viam na dependência de e-mails que viriam confirmar a resolução a contento do que havia delineado desde a semana passada.

Em dado horário da tarde, todavia, para o meu mais franco prazer e alívio, veio a resposta que tanto aguardara. E na mesma hora, recordando-me de Iohan, elevei o agradecimento ao querido amigo músico, que já, por incontáveis vezes, agiu desta mesma forma em relação a outros impasses de maior ou menor importância do meu cotidiano, sem ter me decepcionado, quanto à autenticidade de suas intercessões à manutenção da minha tranquilidade de espírito, nem ao menos uma vez.

Noutro dia, semanas atrás, em casa, conversava mentalmente com os três, ainda daquela vez comentando que não podia me furtar a lamentar vez ou outra, por não poder tê-los materializados ao meu lado em instantes nos quais desejaria vê-los e tocá-los diretamente, para um abraço, nem que por um minuto fugaz que fosse. E, do mesmo modo, um deles, desconfio que daquela vez a Tarsila, ainda,

então, recorrendo ao humor saudável que não me permitisse melancolia pelo impedimento momentâneo da satisfação dos meus anseios, desfechou inusitado e hilário comentário, que outra vez me fez rir com vontade, por reconhecer a sensatez do que dizia, de mistura com a verdade do que afirmava a meu respeito, mesmo que em tom de brincadeira: "Estamos aqui, no começo da manhã, e, com certeza, se aparecêssemos deste modo, você não gostaria de que a víssemos de pijama. Mesmo consciente de que isto é detalhe banal a partir da invisibilidade, ter-nos de repente à sua frente nesta circunstância, no fim das contas, a deixaria inevitavelmente atônita. Não acha?"

Assim, portanto, acontece a convivência com os amigos das esferas invisíveis aos sentidos físicos: com a mesma espontaneidade e bom humor próprios da interação com quem nos rodeia aqui, na materialidade. Sem mistérios. Sem solenidade e complicações. Convivem conosco como entes queridos, benfeitores que são, apoiando-nos, brincando, destilando energias espirituais de alto nível vibratório, que nos fazem sentir como se saídos de um banho de luz, de alegria, de autênticos instantes vividos num éden. E nos colhem com suas reações e respostas inusitadas, que nos provocam sorrisos justo naqueles momentos nos quais, porventura, estejamos sob a pressão das tensões cotidianas comuns, quanto também das mais críticas.

Conviver com nossa família espiritual maior nos proporciona conhecer a nós mesmos de maneira mais inteira, expandida. Afinal, a passagem do tempo em sua companhia leva-nos a saber um pouco mais sobre o nosso próprio passado e, a partir disso, compreender com maior clareza as

causas dos nossos pendores e tendências atuais. Em autêntico processo de autoanálise espontânea, de algum modo acessamos, de maneira gradativa, suave, a essência do nosso histórico evolutivo. Quais as nossas afinidades? Por que eles, especialmente, encontram-se agora ao nosso lado, apoiando-nos? Com base em quais sintonias e tendências? Tendo como referência segura essas premissas, nem que intuitivamente compreenderemos muita coisa importante que, noutras circunstâncias, apenas acessaríamos depois da nossa passagem rápida por mais um período na reencarnação.

Ainda bem que é assim! Porque os meus amigos vêm me ensinando a não ser tão tensa e preocupada. A lembrar que a vida é eterna e que temos sempre tempo e amores a nos fortalecer a confiança nos rumos de tudo para o melhor.

SERVINDO COM CHICO XAVIER

Eis o meu lindo "sonho" de hoje. Aconteceu naquele estado intermediário de quase retorno ao corpo físico, e, embora sem nutrir quaisquer pretensões de privilégios pessoais, estou convicta de que, em se tratando da alma simplíssima e amorosa do nosso Chico, nada do que vou narrar seria anormal, podendo acontecer com quaisquer pessoas que por esta ou aquela razão se sintonizem na faixa adequada na qual o querido mestre de Uberaba vibra.

Via-me num lugar com muitas pessoas em ir e vir contínuo. Lembrava um parque, onde aconteciam vários eventos de natureza desconhecida. Andava por ali, só que, atentando ao que se dizia em volta, comecei a abrigar as emoções da revolta e da irritação, pois passava rente a uma mulher que, acompanhando um homem de idade mediana, escritor, pelo que pude depreender do que ela dizia a ele, comentava, com declarada ironia:

– Imagine, as pessoas acreditam naquele "anjinho" (em tom pejorativo), e que ele recebe livros seus, mesmo depois de cem anos da sua morte!

Ouvi aquilo sem entender muito bem, mas qualquer coisa no ambiente me fez sentir que aquela mulher se referia aos livros espíritas, sendo o homem que a acompanhava um escritor desencarnado. Tive vontade de revidar com um protesto qualquer. Afinal, mesmo em estado de "sonho", recordava meu próprio trabalho mediúnico, convicta de que nada do que a mulher dizia fazia sentido. Mas os dois se afastaram rápido, não pude ouvir a resposta

dele ao comentário, e continuei minha caminhada naquele lugar peculiar metida no estado de espírito ingrato que a atitude da mulher zombeteira me evocara. O local amplo lembrava uma longa e larga alameda repleta de povo em movimento, e, mais à frente, em meio ao ir e vir intenso das pessoas, um homenzinho franzino, de estatura mediana, de repente, arrancou-me imperativamente daquelas emoções deprimentes para me atrair a atenção. Só depois compreenderia, reconhecendo, plenamente, que aquilo fora intencional.

– Ei, venha cá! Precitaria que me ajudasse aqui!

Estranhamente não o reconheci para além de leve sensação de familiaridade, até porque ele já me indicava a que me chamava: mostrava-me, sobre uma mesinha, um livro de aspecto antigo aberto, com uma dedicatória na primeira página, que, por alguma contingência, se via incompleta. Apontando, ele me dizia:

– Pode me ajudar a concluir?...

Embora estranhando, deduzi que o homem me rogava aquilo por talvez sofrer da vista, ou algo assim. Notava que o espaço onde espremia a dedicatória era insuficiente para o que pretendia dizer, e ele me apontava, ditando o que eu deveria escrever. Como parecia haver urgência, peguei a caneta, influenciada pela forte simpatia que de início experimentava com o inusitado personagem. Dispus-me logo a tentar fazer como me orientava, embora comentando do pouco espaço disponível para o que me ditava, até que, de repente, e grandemente surpreendida, dei-me conta de quem se tratava:

– Chico Xavier?!!...

Nem dispus de tempo para expressar o grande encanto que se assenhoreou do meu estado de espírito, transmutando-o completamente da ingrata indisposição anterior. Entendi de pronto que o "anjinho" a que a mulher se referira mais atrás com tanto descaso, outro não era que não o querido mestre de Uberaba, mas este já se aproximava com mais uns dois ou três livros, aproveitando minha disposição para auxiliar, e rogando que o ajudasse a arrematar outras dedicatórias – todas, estranhamente, incompletas.

Ele se sentou ao meu lado e foi me orientando como, o quê e onde escrever.

A partir daquilo, totalmente esquecida da atmosfera de hostilidade que dominava em alguns no percurso da alameda com o que acontecia, agora reparava ser um evento confraterno qualquer, onde a literatura espírita se achava em relevância, atentava para o trabalho intenso em volta. Pessoas iam e vinham com cestas de alimentos e salgadinhos a serem servidos aos participantes. Uma moça, de repente, passava-me uma daquelas cestas pedindo que levasse a uma mesa grande. E eu, agora, entre encantada e entusiasmada do que via, pensava que deveria ajudar no que pudesse, não apenas completando as dedicatórias. Emocionadíssima, estado de espírito que me dominava ainda ao acordar, lembro que comentava com uma senhora por perto que nunca imaginaria a distinção de ser convidada pelo Chico Xavier para auxiliá-lo no que quer que fosse.

Queria fazer o melhor, mas notava que quem trabalhava não parava para ler nenhum dos muitos livros disponíveis, percebia que só quem fazia eram os visitantes. Lembro que sentia fome, mas logo vinha o Chico com mais dedica-

tórias a serem completadas, parecia haver uma ênfase a que eu fizesse isso, embora me empenhasse também a ajudar com as cestas de alimentos.

Se me interrompia, com a atenção desviada para algum livro ou curiosidade do evento, logo me sentia compelida a continuar o serviço, afinal, grande era o entusiasmo em todos. E havia uma maquininha, notei a certa altura, na qual quem trabalhava consultava para verificar como se dava o seu desempenho, se de modo satisfatório ou não. O meu não estava bom. E procurava ignorar a fome para me dedicar mais, desprezando, a certa altura, um salgadinho grande, de aspecto desagradável, que um homem, de modos pouco cativantes, me oferecia, com um exótico recheio de serpente frita.

E novamente sentava-se o Chico ao meu lado com mais livros, orientando-me sobre como eu deveria completar as dedicatórias. Simples toda vida. Amoroso. Confraterno. Sinto até agora os efeitos daquela reconfortante aura de Luz.

Chico me arrancara das emoções ingratas do revide contra a incompreensão para me convocar a servir. Fácil o entendimento: isso diz respeito também ao meu próprio serviço na literatura espírita. Ignorar eventuais incompreensões e o alimento da vaidade, para apenas persistir no serviço de benefício ao próximo. Grata.

VISITANDO NOSSO LAR

O artigo de hoje caberia em palestra útil e se destina a compartilhar uma vivência que, obviamente, acontece ao médium com a finalidade maior de ser transmitida aos em situação de reencarnados, além do objetivo instrutivo de que para mim mesma se revestiu.

Autorizada e conduzida pelos mentores, estive em inesquecível visita à colônia Nosso Lar.

Os já familiarizados, que tomaram contato com o livro psicografado por Chico Xavier, de autoria espiritual de André Luiz, sabem tratar-se o lugar de uma grande cidade espiritual situada nas dimensões invisíveis acima do Rio de Janeiro.

Como muitos, imaginava a bela cidade do espaço revestida da aura sobretudo luminosa, algo romântica, naturalmente idealizada a partir da leitura da obra ou das cenas assistidas na inspirada produção de cinema, de Wagner de Assis. Todavia, a região visitada durante o desprendimento da noite não foi a dos jardins e bosques esplendorosos, nem mesmo a dos Ministérios e ângulos encantadores da grandiosa colônia do invisível. Com finalidade evidentemente educativa ao meu espírito, fui conduzida para onde se situa o vasto departamento de recepção aos recém-vindos da vida corpórea.

Em tudo e por tudo um susto. Uma mistura inextricável, de enlevo pela situação em si e pelo meu testemunho vívido, impressionante, com inequívoca sensação da humildade

exacerbada pelas dimensões insuspeitadas do trabalho ali empreendido.

Em lá chegando, encontrei-me, no interior de um prédio, com alguns médicos em atividade, um dos quais, que me pareceu o próprio espírito generoso de André Luiz, a quem sempre elevo minhas preces e pensamentos em inúmeras situações, em busca de orientação e lenitivo durante a caminhada, dedicou-me breve atenção para, além de algumas palavras, aconselhar-me a visita a um certo interno chamado Orlando e mencionou o sobrenome, do qual não me recordo com clareza. Orientou-me sobre o caminho a ser tomado no labirinto impressionante que eram os corredores e alas da vasta instituição, em ebulição de movimento e de gente como prodigiosa colmeia: “Vá até a ala médica número 5, após, vire à direita!”

Dali, segui a partir de certo ponto, acompanhada de mulher de aspecto jovem e modos vivazes. Fundamente impressionada de tudo que via no trajeto: alas sequentes, imensas, ocupadas todas por pacientes acomodados confortavelmente em camas bem espaçosas. Alguns casos críticos, ininteligíveis. Médicos e funcionários do lugar às dezenas, em movimento incessante para todo lado; reparei que no ambiente usava-se obrigatoriamente um jaleco branco e uma máscara verde no rosto, à moda cirúrgica. Os médicos, de acréscimo, traziam toucas brancas recobrando os cabelos. Um ir e vir monumental, em setores, conforme entendi, que eram admitidas visitas aos que eram recém-vindos da matéria, oriundas da própria cidade espiritual ou da materialidade, em horário, evidentemente, supus, com facilidade destinado a este objetivo. E, com um detalhe digno de nota, al-

guns dos presentes, que depois compreendi, provenientes da matéria em situação de desligamento do corpo, visitando os hóspedes, traziam consigo suas impaciências e traços comportamentais, sem alteração digna de nota. De fato, em corredor de acesso apinhado de gente que ia e vinha em dois sentidos, como numa via pública, chegamos a presenciar ligeira altercação à nossa frente. Alguém que seguia num sentido, vendo-se retido, contrariado, em certo trecho, por quem vinha em sentido contrário com a mesma disposição enervada, exclamou: “Nem adianta, que assim você não vai passar!”

Imagens salteadas me marcaram impressivamente a memória, algumas verdadeiramente surpreendentes.

Noutro momento atingimos região na qual intuí a réplica de um cemitério ou talvez, mais acertadamente, a visita à cidade tenha sido intercalada com a jornada a algum, na companhia de uma equipe socorrista de Nosso Lar. Pois presenciávamos grupos entoando cantos e outro grupo carregando, em espaço a céu aberto, um caixão com flores, no qual se avistava um homem em movimentos fracos que parecia começar a se despertar. Aparentemente, se bem interpretei a situação, as equipes socorristas respeitam rituais e cerimônias particularizadas, segundo os costumes familiares de cada desencarnante, para depois encaminhá-los às alas socorristas da colônia, de que acima lhes dei conhecimento.

Em dado instante, e espantada da magnitude intraduzível do trabalho ali desenvolvido, comentei para a minha acompanhante:

– Como é que pode alguém lá, referindo-me à materialidade, acreditar, de algum modo, que nós morremos?

Ao que a moça, de modos sempre simpáticos, dirigiu-me alguns comentários a propósito, que também não retive com clareza nas lembranças do episódio.

Lembro que já na hora da despedida encontramos um rapaz de aparência moça, ruivo, com quem começamos a conversar. Também em local a céu aberto, não sei se algum departamento da própria cidade, ou se ainda na região de possível cemitério terreno, onde as equipes socorristas operavam, creio que a primeira hipótese, já que ele nos via e, dado o que nos disse, atestou estar ainda em situação de reencarnado, acusando tratar-se de parente daquele a quem se referiu, e que havia acabado de deixar a matéria.

Contava, entristecido, ter perdido o filhinho pequeno. Sensibilizada, e condicionada pelos usos corpóreos, dirigi-lhe meus sentimentos, para logo depois, após breve diálogo, dizer-lhe, confiante:

– Tenha força! Observe que ele não morreu, não acabou. Ele está aqui, em Nosso Lar.

Afaguei, de leve, o seu braço; ele me agradeceu as palavras de incentivo, mais alentado.

No fim, perdida no labirinto das alas e corredores lotados, não achei Orlando, cujo caso o Dr. André me recomendou para instrução. Após a palestra com o pai desconsolado vi-me de volta ao corpo de rompante, espantada do que ainda me recordava, vividamente, e também feliz, por ter, de algum modo, reconfortado um dos muitos visitantes desalentados de desencarnantes recentes.

Dessa vivência belíssima, ficou-me a certeza de que Nosso Lar é, sobretudo e a par de luminescente colônia espiritual, estação de trabalho útil e aperfeiçoado em prol da Vida e dos seres humanos.

NÓS ESTAMOS COM VOCÊ

Ainda agora tomava, sozinha, o meu café, mergulhada em reflexões sobre situações às quais ainda não atino com uma solução satisfatória, quando percebi uma daquelas presenças amigas e constantes "do outro lado da vida", que sempre atendem aos nossos pedidos de socorro explícitos ou tácitos.

Refletia, completamente, alheada do momento presente, e olhando sem ver o aparelho celular novo que tinha nas mãos, quando aquela "voz silenciosa" se fez ouvir nitidamente no meu "ouvido interno":

– Estamos com você. Não se preocupe tanto!

E, para minha surpresa admirada, comentou, e eu intuí que a intenção era desviar-me o foco daquelas especulações quase obsessivas que tinha em mente, já estressando o meu começo de dia.

– Interessante este seu novo aparelho. Um dia você vai se admirar com o que existe por aqui.

De tão oportuno o comentário e aquela presença amiga, terminei mesmo acordando e me desviando definitivamente para pensamentos e ocupações mais saudáveis por dentro de casa.

Introduzo assim esta nova crônica para, bem a propósito, relatar o testemunho autorizado de um amigo que já de há tempos me envia excelentes coisas por e-mail, o Luiz Cardoso. Então, tentarei reproduzir, com a fidelidade possível às suas palavras, duas de suas vivências que merecem ser compartilhadas com meus leitores, pela grande beleza e

utilidade de que se revestem. O objetivo é exemplificar o tipo de influência constante que todos recebemos dos habitantes das outras dimensões.

Luiz conta:

Após quase um ano da morte de um colega do Banco, foi levado, por desdobraimento, por três espíritos a um bellissimo jardim. Sentado num banco, ele tentava ver seus rostos, mas não conseguia. De repente, estava a seu lado o referido colega. Ele relata que tomou um susto, dizendo: “Otoniel? Mas você já morreu!” O colega replicou que ele era espírita e não entendia o seu espanto. Então, falaram rapidamente do que ele tinha sofrido após o desencarne, e Luiz comentou que a sua aparência estava bem melhor do que ao desencarnar. O outro, logo, pediu que intercedesse junto aos seus pais, ambos ateus, para que tomassem conta da sua filha. Luiz replicou que ele não tinha nenhuma filha, e lembrou-se de uma das últimas conversas, quando ele disse quanto estava arrependido de ter pago o aborto de uma namorada, e quanto se zangou com o colega por estar fazendo aquilo, e quanto insistiu para que não o fizesse.

O colega disse não se tratar daquela criança, mas de uma outra que era sua filha e ele só soube depois de desencarnar. Ele morreu sem saber que tinha uma filha. Luiz relata que, na manhã seguinte, contou o "sonho" à ex-esposa e ela perguntou se ele iria procurar os seus pais. Respondeu-lhe que não. Porque eram ateus e provavelmente ainda sofririam a perda e, por certo, o expulsariam.

Todavia, passados dois meses, Luiz viajou e encontrou a filha do colega. Nem precisaria de teste de DNA: era ele em tudo. Então, procurou os pais do amigo, e não mais os

encontrou, pois haviam se mudado. Hoje, a garota está casada, com dois filhos, morando em Salvador.

O outro caso é não menos sugestivo.

Conta-nos Luiz Cardoso:

Quando leu Nosso Lar pela primeira vez estava numa UTI, já desenganado pelos médicos. Ao terminar de ler o livro, à noite recebeu uma visita inusitada. Havia vários médicos ao redor da sua cama. Tentou se levantar, mas o mais velho, e certamente o chefe da equipe, lhe pediu para relaxar e fechar os olhos. Notou que eram espíritos, pelo menos, sentiu assim. O médico que chefiava a equipe era o doutor Bezerra de Menezes. Então, teve alta do hospital, dois dias depois, não no dia imediato, porque os médicos carnais não podiam entender como havia melhorado tanto em apenas uma noite, deixando-o em observação.

Este último caso, amigos, particularmente, vem ilustrar e confirmar o já mencionado nesta nossa série de textos a respeito da atuação dos médicos do espaço a nosso favor, não para derrogar planejamentos cármicos específicos de retorno ao mundo espiritual, quando expira o nosso prazo por aqui e devemos voltar à vida mais verdadeira, mas em múltiplos casos em que uma prorrogação de prazo é consentida com utilidade específica, porque a permanência deste ou daquele durante algum tempo a mais beneficiará pessoas ou situações que nos estejam coligados na trajetória material.

Devemos recordar que a vida é processo, dinâmico, obediente, inclusive, aos nossos direcionamentos do livre-arbítrio e dos que nos acompanham mais ou menos de perto. Portanto, para cada caso haverá uma análise diferencia-

da, de maneira que a nossa permanência na vida física, se em linhas gerais é projetada para um período de tempo específico, quanto mais lúcido o espírito e maior a sua participação e interação com as equipes encarnadas e desencarnadas em favor da vida, maiores também as chances de que, em tempo, sejam revistos e ajustados planos anteriores à reencarnação, para que sejam atendidos de forma o mais satisfatória possível todos os compromissos no estágio da materialidade.

O fato incontestável, tendo em vista todas essas vivências de caráter em princípio altamente subjetivo, de vez que nem sempre são alardeadas ou divulgadas para além do nosso círculo mais íntimo de amizades e convivências, é que, em quaisquer situações, das mais banais às mais aflitivas, sempre nos veremos acompanhados de um número bem maior de amigos e seres estimados do que à primeira vista possa nos parecer, se nos basearmos somente em quem nos rodeia na vida material, ou num aparente e momentâneo estado de solidão.

Lembremo-nos, portanto, do recado que me foi asso-prado na manhã de hoje, sempre apropriado para cada um de nós:

"Nós estamos com você!"

EU E O MEU VIOLINO

Cheguei, há algum tempo, do trabalho com minha filha. Após um banho refrescante e um bom lanche gelado para nós duas, de um súbito impulso, fui atrás do meu violino novo, guardado carinhosamente num recanto protegido do meu armário embutido. Como se algo ou alguém me induzisse, tomei-o da caixa, tirei-o, namorei um pouco este belo e caprichoso instrumento. Ajeitei-o no ombro, segundo algumas aulas on-line que andei garimpando da internet, tomei o arco, com uma decisão e desenvoltura íntima que até certo ponto não faziam muito sentido, porque das últimas vezes em que descrevi os mesmos movimentos, como acontece com todo bom principiante, o resultado foi pífio: da primeira vez e por mais passasse o breu na crina, nem um único suspiro consegui arrancar do contato com as cordas. Da segunda, e depois de passar o breu com menos parcimônia e mais decisão, devo ter conseguido algo próximo a um reles eco do que seja o som do instrumento que, solenemente, recusava um entrosamento, um começo de diálogo que fosse com a sua desajeitada dona. É como se o violino, de sua própria índole, se recusasse a interagir com uma instrumentista tão incipiente. Nobre, solene, altivo, aparenta ser destinado, desde a sua fabricação, apenas aos virtuosos, em estranho paradoxo, nunca a alunos novos. Mesmo assim, aquela pequena vitória me encheu de certo entusiasmo. Quando meu marido me ligou, contei para ele como criança eufórica: "Hoje Iohan falou comigo! Enfim! Não está mais mudo! Saiu um som!"; "É?!", exclamou meu

marido, o último dos possíveis admiradores de um violino ou de música clássica, todavia complacente com minha euforia como com uma criança diante do saco de pipocas no cinema, comentou, meio sorrindo, e foi só.

Os que leem habitualmente meus artigos talvez se vejam familiarizados com a história deste violino, que batizei de Iohan em homenagem ao autor do meu próximo livro psicografado, um músico e exímio maestro, falecido de maneira lastimável nas décadas passadas, que me honrou transmitindo via mediunidade a sua linda quanto comovente história.

Trata-se de um romance que saiu de maneira inédita, no tempo recorde de um mês, como nunca me acontecera antes desde que principiei o trabalho com os livros espíritas. A empatia foi imensa, instantânea, com este espírito amigo apresentado de forma algo surpreendente pelo meu mentor, em período no qual, concluindo uma série de romances da autoria deste último, realizava um paciente laboratório durante o qual vieram à tona livros como Amparadores do Invisível, já com a participação do espírito Marcus Licínio, e o último lançamento do ano passado, Ecos na Eternidade, de autoria do espírito Tarsila, ampliando consideravelmente, de forma agradabilíssima, a participação em parceria de sinceros afetos com que trabalho a partir das dimensões invisíveis.

Passadas, portanto, algumas semanas, durante as quais me entretive com uma multiplicidade de ocupações familiares nas minhas férias profissionais, além de com algumas oportunidades de diálogo via psicografia com Iohan, provavelmente em estágio precedente a outras obras e obedecen-

do ao aludido impulso na chegada a casa ainda há pouco, tomei novamente do violino, como se compelida por esquisita compulsão, lembrando-me de um desses diálogos psicográficos, no qual ele me dizia que tinha vontade de me ensinar o instrumento.

Arrumei-o da melhor forma que consegui sob o queixo... e, surpreendentemente, nos primeiros movimentos de condução do arco tirei logo um som mais potente, coerente com o que são de fato, num violino, as notas iniciais de treinamento de uma aluna desajeitada.

Não podia acreditar no que me acontecia. Na desenvoltura estranha com que, mais segura, empunhava sem nenhum temor o arco, no modo mais preciso com que ajetei o violino sobre o ombro, ainda que sem o auxílio da espaleira, que até agora não consegui travar a contento no dorso do violino. E na forma como, deslizando os dedos em cada corda, cheguei mesmo a identificar algumas notas e a ensaiar... delícia pura... o esboço de um adágio, pelo qual sempre fui apaixonada.

Compreendi que é ninguém mais do que Iohan quem está aqui, presente, dando demonstração prática do que afirmara ao me dizer textualmente que tinha vontade de me ensinar violino e me ver acabar o que comecei, pois que "não fora por um acaso que eu me sentira compelida a comprar sem mais nem menos este instrumento, em decorrência tanto da nossa empatia quanto de um passado artístico em reencarnações ou vivências espirituais anteriores das quais agora não há como me lembrar, senão intuir.

Tenho contado ao meu círculo mais pessoal sobre essas aparentes "coincidências", sincronias e fatos admiráveis

dentro das minúcias do dia a dia, desde que iniciei a convivência com este espírito querido da minha alma. E o episódio de hoje, como de si só não bastasse para, de uma percepção pessoal, me deslumbrar ainda uma vez, como incessantemente vem acontecendo, ocorreu após um outro, havido mesmo no decorrer do dia de hoje, e correlacionado a esta conjuntura em particular, e que resumirei a seguir com grande prazer em poder compartilhar com os leitores estas mostras inequívocas da atuação constante dessas companhias enternecedoras que nos oferecem afeto, amor, amizade e parceria nas atividades em prol de uma causa comum.

Desde que comecei a trabalhar no recebimento deste livro e com o passar dos meses, influenciada, prazerosamente pelo espírito autor à aproximação de tudo o que se relacionava com o tema e que, por afinidade, já era do meu gosto, sejam música clássica e o próprio violino, tomei-me de um impulso esquisito. Sempre que saía para o comércio ou shopping, olhava vitrines de papelarias e lojas de presentes para ver se não achava uma miniatura qualquer, pequena escultura ou semelhante, de um instrumentista tocando violino, à moda daquelas estatuetas encantadoras de cavaleiros medievais ou de soldados romanos.

Procurava, sem nem saber se existia. Achava mesmo que não. Mas cismei com isso, na esperança de adornar minha casa com um mimo, um elo afetivo palpável com o querido músico da vida invisível com quem venho interagindo no labor literário espírita. No entanto, já quase desistia, pois não achava em lugar nenhum, em nenhuma das diversas lojas aleatórias onde já buscara o objeto sem sucesso.

Terminaram as férias. Retornei ontem ao trabalho na Justiça. E hoje, no começo do expediente, para o meu estu-
por, e sem saber nada desta história para além de que eu
recebera de um maestro uma nova obra pela qual me tomei
de afeição quase obsessiva, uma espécie de irmã de espírito,
que assim considero em função das vezes em que este tipo
de sintonia já se estabelecera entre nós, aproximou-se de
inopino de minha mesa, dizendo, enquanto empunhava uma
caixinha enfeitada: "Olhe! Comprei para você em Brasília.
Acho que vai gostar!"

Antecipadamente, agradecida, peguei a caixinha, sorri-
dente, conversando entusiasmada sobre as novidades das
férias. E olhei, sem jamais e sequer poder imaginar o que
sairia dali, do embrulhinho feito de forma caprichosa. Pois
lá estava, nas minhas mãos, ante o meu olhar incrédulo e
emocionado, o pequeno violinista decorativo com que tanto
vinha sonhando.

Grata! Amor, Iohan e Claudinha Fernanda.

O CASO DO VIOLINO EM PÉ

Antes de contar este episódio acontecido ontem à noite em casa, preciso explicar que, dependendo do tipo, a caixa do violino é como um ovo. Absolutamente, não fica em pé. Você pode tentar e tentar, procurar o ponto de equilíbrio, mas, a menos que talvez apoiando-a em uma parede ou calço, a caixa não se manterá em pé. Porque, guardando, além do violino, objetos outros, como o próprio arco e a espaleira na pequena bolsa fechada com fecho éclair na frente, pote com breu, flanela, e alça possui contornos disformes que não a favorecem com um ponto de equilíbrio definido.

Bem, vamos ao caso. Ontem estudei violino conforme instruiu meu professor do Conservatório. Enquanto meus filhos se entretinham com outras coisas, ao final da semana cansativa, eu, entusiasmada, busquei-o no armário e cumpri meus quarenta minutos treinando postura e condução do arco num vaivém sobre as cordas mi e lá que, para o principiante, é bastante cansativo. Todavia, nada, embora meu pescoço reclamasse com veemência, executei da melhor forma a atividade apaixonante. Demorei, depois, um tempo examinando-o e experimentando notas, lembrando a parte teórica. Depois, limpei-o e guardei-o na caixa e, como de costume, para facilitar o uso repetido no sábado e domingo, encostei-a no armário embutido, num ponto protegido da passagem das pessoas, bem no ângulo de quina entre o móvel e a parede. Sempre cuidadosa de preservá-lo de tombos ou encontrões eventuais.

Dirigi-me a outros movimentos por dentro de casa. Jantamos. Assistimos TV. Sei que, horas depois, voltando aos quartos para me preparar para dormir e após acomodar minha filha, entrei no meu cômodo e acendi a luz, sem olhar para o lugar onde punha o violino. Puxei os lençóis da cama, e, intrigada, reparei nalguma coisa indefinida, algo branco, amorfo, resvalando com um ruído peculiar, como se caísse no chão. Dei a volta no leito. Examinei. Procurei no chão. Olhei atrás da cama, embaixo, dos lados. Virei o colchão do avesso. Nada! Nada caíra, ou resvalara, ou pendera para trás da cabeceira. Não havia nada. E aquilo, de imediato, já me deixou num estado de espírito peculiar, que, nos segundos seguintes, porém, se justificou.

Enfim fiquei de frente para o ângulo resguardado do armário, do outro lado do quarto, onde pusera a caixa com o violino e, estática, parei no meio do quarto, de boca aberta: a caixa de violino se pusera de pé. Contornei a cama às pressas e examinei a cena insólita. De acréscimo, a caixa não estava em pé por simplesmente resvalar, talvez, para um lado, apoiada na parede ou noutro objeto qualquer. Estava de pé no chão, como se em posição de sentido. Desencostada do armário e da parede. E eu tinha a mais absoluta certeza de tê-la colocado, apoiada, na quina do armário. Isso era fato. E a minha perplexidade era maior porque, na pressa em correr até o quarto de meu filho para contar-lhe o que acontecia, pois ele é acostumado desde criança a esses episódios de casa de médium, ainda nem mesmo experimentara o ponto de gravidade da mesma, como fiz de maneira pertinaz e inútil em seguida, na tentativa de colocá-la

de novo de pé, na presença dele e de minha filha, que viera, curiosa, com a falação súbita.

– O violino estava de pé! – eu insistia, entre o assombro e o encanto. – Não o coloquei assim! Era como se estivesse em posição de sentido – eu explicava, agitada.

Enquanto meu filho, observando minha tentativa insistente de reproduzir a posição na qual a caixa "se colocara", sem sucesso, advertia, na maior calma:

– Desista! Não vai ficar e vai acabar caindo! Não pode ficar em pé!

No fundo, a velha tentativa do racional, prudente e mesmo necessária, admito, mas em relação a qual devemos impor limites no caso da convivência mediúnica habitual, de explicar com lógica o que, em absoluto, não se reveste de lógica.

Mesmo ali, já sabia da explicação. E os que vêm acompanhando meus últimos artigos talvez que já o antecipem, antes que lhes diga. Desde o ano passado, vinha trabalhando a próxima obra psicografada com Iohan, o espírito adorável de um músico. E, como de praxe, sempre nestes períodos de convivência mais próxima com os autores do invisível que intermedeio, estabelece-se um campo de influência estreita entre os mesmos e a médium que, em variadas vezes, produz fenômenos diversos e sempre surpreendentes.

Aconteceu assim em inúmeras ocasiões, durante o recebimento dos livros de Caio Quinto, meu mentor espiritual. E agora, de maneira especial, os episódios vêm se repetindo e justificados pela empatia de ordem mediúnica intensa entre mim e o querido amigo e maestro de

vidas anteriores que teve a sua última reencarnação no Brasil.

Já surpreenderia o suficiente, portanto, se o caso findasse aí. Mas prosseguiu.

Meu filho retornou às suas coisas sem se admirar muito com mais aquela mostra de visitas interdimensionais em nossa casa e minha filha se achava algo eletrizada. Reconfortei-a, recordando-lhe a ocorrência de outros fatos parecidos em tempos passados, enquanto me ouvia sentada na minha cama com um sorriso perplexo parado nos lábios. Eu, de costas para a quina do armário onde encostara de novo, e com especial cuidado, a caixa do violino, e de frente para ela, que tinha a visão para o instrumento por mim obstruída. Quando me dispus a encaminhá-la novamente a seu quarto, e me virei outra vez para o armário, a caixa de violino se pusera de novo de pé para o nosso estarrecimento.

E outra celeuma. Voltou meu filho e virou a caixa pra lá e pra cá. Tudo inútil: a explicação era uma só: Iohan, por ali, em demonstração objetiva e reconfortadora de sua presença, talvez rindo de nossa reação.

Deitei-me, quando tudo se acalmou. E ainda vi uma réstia insólita de luz brilhando a meu lado, fugaz.

A RESPOSTA DE IOHAN

Nalgum lugar do maravilhoso livro de Roberto Cabral, O Violinista de Veneza, explica-se que a vida, por vezes, nos encurrala, via aparentes "coincidências", com mudanças necessárias de pensamentos, de iniciativas, a fim de nos conduzir a um estado de felicidade espiritual mais pleno. Em poucas vezes deparei noutras leituras tamanha expressão da verdade.

De uns quatro dias para cá eu andava encantada depois de assistir à versão cinematográfica da obra-prima de Victor Hugo, Os Miseráveis. Porque, como apreciadora de literatura, me confiro fã incondicional do legendário poeta e escritor francês, desde os tempos em que, cursando a faculdade de Letras, escancarou-se ao meu acesso os grandes clássicos literários universais.

Paralelo a isso, eu contava, há mais de um mês, com uma extensa fila de livros novos para ler. Mas começo de ano, em ritmo frenético com férias, viagens, taxas a pagar entre outra extensa série de compromissos, acabou por me empurrar involuntariamente este momento de leitura prazer para um tempo mais pacificado. Ainda porque, em se tratando de obras de teor espírita, necessito particularmente de estado de espírito condizente e atmosfera propícia para a devida assimilação do conteúdo, desfrutando, deste modo, a leitura assim como acontece quando sorvemos aos poucos uma aromática xícara de café.

Ontem, uma sexta-feira, sentindo chegado enfim um momento adequado, olhei para a sacola da livraria ainda do

mesmo jeito guardada sobre a escrivaninha, com os livros. Já tinha me ocorrido no mesmo dia umas duas vezes a ideia de começar com a citada obra de Roberto Cabral, obviamente, comprada em sintonia espontânea com a aura que, de tempos, esta parte me cerca desde que se iniciou minha parceria mediúnica com Iohan, o querido músico das esferas invisíveis que fora violinista em mais de uma de suas reencarnações anteriores. Até aquele momento, portanto, apenas intuindo que possivelmente ele tivesse participado da influenciação à compra do livro, meio a meio com minhas próprias inclinações, tomei-o para ler e, ignorando a programação enfadonha da TV, joguei-me gostosamente no sofá da sala, começando. E não consegui mais me separar da leitura. Por razões que impressionavam.

Precisaria narrar detalhadamente o conteúdo do livro para melhor explicar, mas, para os fins deste artigo, resumo que se trata da história de um professor de violino que, na Europa do século XIX e em Veneza, se vê afastado de seu grande amor, a menina dos olhos de anjo e sua aluna, por causa da sua resistência teimosa em não aceitar ou, ao menos, não querer investigar com isenção os fenômenos mediúnicos das mesas girantes que avassalavam a Europa naquela época, principalmente, a partir da França, quando, vejam só, Victor Hugo, em pleno tempo de exílio, dedicava-se com fervor ao estudo de todos esses fatos, promovendo, ele mesmo, as reuniões com as mesas. Ora, conforme eu ia lendo lembrava-me também do nosso próprio romance, lançado ano passado, Sonata ao Amor, contando o drama sofrido de Iohan em sua última reencarnação: um professor de violino, vitimizado, pela prova dolorosa de ser um por-

tador do HIV, e toda a sua luta ao apaixonar-se por uma aluna, tendo que enfrentar os preconceitos da sociedade, e encontrando, junto a ela, a redenção de seus dilemas ao deparar as explicações situadas todas nos episódios trágicos de suas vidas anteriores. E comecei a desconfiar que o querido mentor de nossas atuais parcerias literárias, de caso pensado, me havia conduzido a esta obra inspirada de Roberto Cabral, a fim de ainda uma vez ilustrar como tudo é encadeamento e simbiose de intenções quando nos dispomos a trabalhar na missão de divulgação das verdades maiores da vida, sem esmorecimentos, o que vez ou outra ameaça o médium mergulhado nas canseiras e compromissos que o enredam em várias frentes durante sua trajetória material. E após ler, empolgada, a passagem na qual o protagonista, Antônio, promove voluntariamente uma breve sessão mediúnicamente de confirmação da presença de um Espírito em sua casa, a partir de perguntas respondidas com pancadas, me ocorreu, ao me recolher para dormir ontem, pedir o mesmo ao meu paciente amigo da invisibilidade. Queria dele, ainda uma vez, a bondade de uma confirmação da sua influência naquele caso, para não ficar dada a achar se tratar de uma coincidência sem cabimento, e, diga-se, grandemente desanimadora, quando tantos detalhes concorriam para me comprovar exatamente o contrário. Assim, encerrei-me em meu quarto, perto da meia-noite, e me coloquei em estado de prece e concentração. No entanto, empolgada pela iniciativa de improviso e, momentaneamente, esquecida de que cada mentor nos acessa em dependência direta da sintonia com os recursos fluídicos do próprio médium, cometi o equívoco de solicitar dele um tipo estrito de resposta

no formato do que promoveu o protagonista do livro. Pedi que, fosse de fato verdade a sua presença e influência para ler, justo, aquela obra, com intenção benéfica de incrementar certas apaziguadoras na sua medianeira a fim de darmos continuidade tranquila aos nossos projetos de futuro, então, que desse uma pancada leve no quarto, em sinal de "sim". Mas passaram os minutos, para minha decepção, no mais franco silêncio. Todavia, antes de me abandonar a um estado de desânimo absoluto, após repetir inutilmente a solicitação mal refletida, ocorreu-me mergulhar de novo em prece fervorosa a Jesus, renovando meu pedido, mas de modo diferente. Atinei para o fator importante de que devem prevalecer nessas vivências o sentido de utilidade real, o que só é bem avaliado a partir da ótica de cima dos mentores. Atinando com o meu engano, disse a Iohan que entendia que talvez meu modo de pedir fosse equivocado, e mesmo o propósito ou o momento em que solicitava dele este favor. E que, então, se lhe fosse possível me responder com o mesmo "sim" de forma mais apropriada aos meus recursos mediúnicos, que o fizesse por influência mental, como costuma se comunicar comigo. Ou através de sugestão ocasional à minha filha, naquele instante ainda acordada em seu quarto, ou ainda a meu pai, atualmente residindo em Aracaju, para enviar-me uma mensagem qualquer pelo celular. E eu entenderia aquilo como uma confirmação condigna. Pois não se passaram cinco minutos desta nova solicitação, amigo leitor, e ao meu lado na cama, no escuro do quarto, soou o celular com duas mensagens de meu pai, versando sobre assuntos cotidianos.

Eis, portanto, e oferecida de maneira maravilhosa, encantadora, a resposta deste outro exímio violinista da vida invisível e um de meus mentores. A confirmação tão ansiada: a resposta de Iohan.

IMAGINEMOS... EPISÓDIO MEDIÚNICO

"Imagine there's no countries / It isn't hard to do / Nothing to kill or die for / And no religion too / Imagine all the people / Living life in peace You may say / I'm a dreamer / But I'm not the only one / I hope some day / You'll join us / And the world will be as one..." (*Imagine - John Lennon*)

Tradução:

"Imagine que não há países / Isso não é difícil de se fazer / Nada para matar ou morrer por / E nenhuma religião também. / Imagine todas as pessoas / Vivendo a vida em paz. / Você deve dizer que sou um sonhador / Mas não sou o único / Espero que um dia você se junte a nós / E o mundo será como um só." (*Imagine - John Lennon*)

Amigos, esta semana uma emoção ímpar presenteou-me em forma de novidade, vinda de uma parceria desenvolvida com um confrade espírita. Davilson Silva, jornalista, inspirado escritor, presidente da Fraternidade Espírita Aurora da Paz, em São Paulo, foi, por nós, convidado a apresentar a próxima obra psicografada, de autoria do espírito Iohan, querido mentor com quem venho desenvolvendo ultimamente o trabalho na literatura romancista espírita. Gentil, aceitou a tarefa, desempenhada com o brilhantismo que lhe é usual no desenvolvimento de matérias e artigos que publica em variados endereços e oportunidades durante

o seu longo percurso de atividades no Movimento Espírita. Todavia, a despeito de conhecê-lo ao longo de vários anos de amizade virtual, compartilhando conhecimentos e interesses relacionados a esses temas, surpresa grande para mim foi, esses dias, ser por ele informada de seu variegado entrosamento com ilustres representantes da arte musical brasileira. De imediato, não poderia deixar de intuir, nesta peculiaridade, grande coincidência com o fato de ser, o próprio Iohan, um violinista e regente, de vocação e profissão ao longo de sua trajetória espiritual evolutiva. E como, a meu ver, não existem coincidências tão gritantes, comentei logo com o Davilson que, com base no que me relatava com satisfação, ao me entregar a inspirada apresentação da obra, provavelmente não seria acaso a ideia para que o convidasse a introduzir uma obra que narra as condições de vida do meu mentor numa bela estância da invisibilidade para a qual afluem, exatamente, variegada modalidade de espíritos dotados de veia artística mais ou menos exaltada, na qual o desempenho maravilhoso desta atividade se alastra com a naturalidade dos ventos de primavera, por seus campos, parques e estabelecimentos primorosos, brindando as almas dos habitantes como que com um perfume de natureza celestial que, mais que embevecer, encanta, e cura.

Ora, a descoberta mútua já seria motivo suficiente de felicidade compartilhada, se, para arremate, com o decorrer dos dias, não viesse me contar, o estimado amigo, a respeito da outra grande emoção, vivida ao lado da esposa, durante uma das sessões habituais nas quais costumam comparecer os espíritos que já de há extenso tempo o assessoram nas atividades abençoadas com a Espiritualidade em benefício

de muitas almas, dentre esses, o espírito Palminha e José Grosso, particularmente conhecidos no meio espírita por serem assíduos na assistência a reencarnados desde os tempos de trabalho ativo do nosso querido e saudoso Chico Xavier.

Na duração da sessão, portanto, Davilson lembrou-se de perguntar a Palminha se não se achava presente o Iohan, meu mentor e autor do livro que introduzira com tanta beleza, e, diante do intervalo de expectativa dos presentes para a resposta do espírito amigável, participante fiel das atividades na Casa, acrescentou, ele, a dúvida sobre se vinha Iohan se agradando dos resultados do trabalho que desenvolvemos na literatura mediúnica e da sua participação na apresentação desta última obra. Ao que Palminha, que habitualmente se manifesta com batidas de significado bem definido, irrompeu com uma sucessão sonora inconfundível na sua resposta de que, “sim”, Iohan estava felicíssimo com o que vínhamos realizando. Emoção maior ainda, conforme comentou o estimado confrade em animada conversa virtual posterior, foi o reconhecimento surpreendente de que as falanges se entrelaçam, visitam-se, conhecem-se. E de que as cidades e Estâncias da espiritualidade, com seus numerosos grupos a serviço da humanidade, se apoiam, na convivência simultânea com os canais reencarnados.

Ora! De há muito, amigos leitores, eu já deduzia isso com naturalidade, em momentos em que algumas necessidades de saúde me levavam a solicitar pela prece, em favor de amigos, parentes ou do meu próprio núcleo familiar, o auxílio dos diversos grupos do espaço dedicados ao trabalho de cura, sob a égide de Bezerra de Menezes, André Luiz

ou do doutor Frederick Stein, em serviço no Lar de Frei Luiz. Quando vivenciava diretamente o seu carinho amoroso verdadeiramente comovente, pois não nos desassistem nunca, com resultados diretos que o comprovam, sem margem a discussões. E é, pois, a partir da constatação desta realidade verdadeiramente celestial, que me reporto com espontaneidade ao sentido do excerto da composição antológica de John Lennon, transcrita no início deste artigo.

Este mundo, esta humanidade sem fronteiras, na qual indivíduos se estimam, amam-se e apoiam-se, antes e sempre, como uma só raça humana e como cidadãos universais evoluindo na eternidade em última instância, já existem e agem, com entusiasmo e intensidade de propósitos, meus queridos. No mundo maior, nosso verdadeiro lar, para onde todos um dia voltaremos portando conosco nada mais do que as lições aprendidas e o enriquecimento interior obtido e, tomara que não, eventuais novas dívidas contraídas para com o próximo, os seres que já compreendem o propósito maior da existência, e que, em consequência, já agem, em regime pleno de fraternidade, unidos, pelas afinidades de objetivos, ou de modo de ser e de perceber a vida, exemplificam, constantemente, que, num âmbito existencial no qual se transcendem fronteiras entre países, idiomas e raças, torna-se um meio de vida o amor que flui fácil. A solidariedade que brota forte e espontânea, em favor dos que se demoram por curto intervalo de tempo nos cenários materiais em busca de lições para melhoria própria. Afinal, em quantos países já habitamos no decorrer das eras incontáveis, dos milênios sucessivos? Quantas línguas já articulamos, quantas raças já vestimos nos nossos envoltórios físicos, e, o

mais importante de tudo, quantas grandes famílias de seres já não nos orbitam o histórico evolutivo espiritual progresso, constituindo, para nós, modesto demonstrativo da infinita família universal, que segue em ascensão ininterrupta para a intimidade luminosa das mansões do Criador? Mundos, esferas dimensionais, estâncias e cidades espirituais que nos acolhem devotadamente, ao final de cada etapa reencarnatória? Onde e com quem, portanto, estaremos amanhã?

Palminha, para o nosso encanto, conhece Iohan. Em São Paulo, cidade vizinha ao meu Rio de Janeiro, numa casa espírita acolhedora, intermediou, ele, para o confrade médium, a satisfação de Iohan pelo trabalho de esclarecimento literário que, juntos, desenvolvemos.

Nas luzes do mais além não há fronteiras. Lição de amor que não devemos só imaginar, mas realizar, já aqui, na materialidade, com vistas a uma humanidade mais feliz, mais aperfeiçoada nas trajetórias do mundo.

A CLAVE DE SOL

Durante o mês de setembro, justo o que marca os oitocentos anos de um dos maiores massacres da história, o que descobri recentemente, de vez que nada conhecia do termo cátaros e dos acontecimentos trágicos da tentativa do seu extermínio pelas Cruzadas do poder católico medieval, esta palavra, cátaros, principiou a ser "assoprada" na minha audição interna pelo autor desencarnado dos meus livros mediúnicos, sem que eu compreendesse bem o que estava havendo. Sei que, em decorrência disso, gastei uns dias metida numa espécie de obsessão em ouvir meus CDs do projeto Era, do francês Eric Lévi, de quem ouvira menção por alto de serem ele e os integrantes deste grupo musical, adeptos, ou simpatizantes, do Catarismo. Mas até então, meu conhecimento disso acabava aí.

Em simultaneidade, imagens oníricas povoavam minha mente durante esses períodos de relaxamento e semidesligamento do espírito, em estados de devaneio que, literalmente, me lançavam noutra dimensão, fora das agitadas tribulações do dia a dia. Via-me trajando roupas claras, despojadas demais, de pés no chão. Muito mais jovem talvez, e, estranhamente, também cantando. Imergia numa mistura confusa de bem-estar com melancólica nostalgia. E, de entremeio, parecia ouvir com nitidez aquela voz, a qual já me habituei desde alguns anos atrás, quando comecei a receber as suas obras mediúnicas, o espírito Iohan, o querido músico, habitante das esferas espirituais mais saneadas

em torno do orbe: "Catarismo. Cátaros. Preste atenção nisso! Interesse-se!" Até que, em determinada altura, já enveredando pelo mês de outubro e compreendendo que não conseguiria me livrar do clima peculiar de ordem espiritual que me dominava, afinal cedi ao impulso da estranha afinidade pelo termo, como se o reconhecendo de algum lugar de dentro de mim mesma que não conseguia definir. Pesquisei, por alto, no Google, e um emaranhado de páginas a respeito, para minha surpresa, surgiram. Uma, dentre todas, atraiu de abrupto minha atenção, a que fazia menção a dois livros, chamados Os Cátaros e a Heresia Católica, do autor espírita Hermínio C. Miranda, e Os Cátaros e a Reencarnação, ao que, já surpreendida e dominada de modo inevitável por aquele tipo de "faro" espiritual que já conheço de muitas outras ocorrências no trabalho mediúnicos em parceria, abri o texto, versando sobre as obras de títulos tão formidavelmente sugestivos, de vez que a iniciativa de procurar saber sobre isso obedecia à irresistível interação com um mentor desencarnado que, desde um mês antes, me arrastava de encontro à pesquisa iniciada, todavia, sem jamais supor que logo o primeiro link apontaria para uma faceta extraordinariamente afim ao cerne dos assuntos que desenvolvo na produção de livros espíritas.

Quanto mais lia, mais me espantava, acima de deparar os assuntos sobre reencarnação intimamente entranhados aos contextos cátaros, principalmente por identificar, em mim mesma, de família e princípios kardecistas, uma radiografia fiel de toda a ideologia que abraçaram naqueles tempos distantes, na prática mais entranhada do meu cotidiano, de vez que, praticantes de um cristianismo que buscava

resgatar suas origens, de resto, pregavam a reencarnação, a cura por imposição de mãos e a interação direta com Deus prescindindo de intermediários, o que, diga-se, fora a razão pela qual enfureceram a Igreja Católica, ao ponto desta mobilizar o ataque brutal das Cruzadas contra aqueles que denominaram hereges, mas que mais não eram que cristãos dos mais autênticos, apenas que tendo escolhido seguir os mesmos Evangelhos repudiando frontalmente a ritualística, a pompa e o dogmatismo da Igreja Romana, já distanciada dos característicos e objetivos iniciais da missão sublime de Jesus, quando esteve entre nós.

Dentre tantos outros detalhes que, sem medo de incorrer em precipitação por algum impulso adolescente, identifiquei-me de pronto como exemplar fidedigno de cátara reencarnada, fechei a pesquisa, praticamente em choque. Antes, havia descoberto alguns títulos importantes sobre o tema, mas, antes de me decidir a comprá-los, arriscando alguma mescla indutiva nas atitudes que tomaria a seguir, resolvi indagar de novo e diretamente do mentor amigo a respeito do significado daquilo tudo, que já intuía, e que ele só fez confirmar, por intermédio do diálogo psicográfico mantido na primeira oportunidade, em momento suficientemente tranquilo do meu repouso noturno. Fora ele, como supunha um cátaro? Queria, com aquela insistência em atrair minha atenção para o tema, indicar que deveríamos discorrer sobre isso nalguma de nossas próximas obras? A resposta veio clara, direta: "Fomos!", frisou, "Fui trovador e cátaro". E, em contínuo, confirmou que pretendia narrar a respeito em obra ainda a ser iniciada, acrescentando algumas particularidades que, por ora, deixo de fora do conhe-

cimento do leitor, porque o objetivo, aqui, é narrar o fenômeno de ordem mediúnic, maravilhoso, havido em seguida, talvez um dos mais efetivos que já me colheram ao longo dos anos, durante os quais me engajei na divulgação da doutrina espírita.

Sempre criteriosa e incerta, com o lado racional buscando explicações para o que só se justifica no universo das leis que regem as extensões da vida do mais além, saí de novo em busca na internet de algum possível elo entre o termo "trovador" e "cátaro", e a resposta, novamente, eu antecipava, com a mesma audição de dentro com que ia identificando os vínculos de todas as peças desses acontecimentos extemporâneos. Mas novamente me enchi de encantamento.

Encontrei outro endereço virtual, onde se mencionava os muitos pontos em comum da poesia e da música provençal com o catarismo e o fato de que era comum que os cátaros fossem trovadores. Isso, apenas, bastaria para apaziguar todas as inquietações pelo que acontecia, e para me convencer a adotar a sugestão insistente que o amoroso amigo desencarnado vem me sugerindo, paciente, e desejoso de, a todo custo, me oferecer as certezas de que eu precisava. Até que, hoje cedo, o presente celestial definitivo caiu-me em mãos, na forma de um dos numerosos fenômenos de materialização já tão narrados na literatura espírita, e que os nossos afeiçoados da invisibilidade sempre nos proporcionam em momentos-chave, em horas nas quais precisamos adotar rumos seguros na tarefa delicada de transmitir aos reencarnados as convicções da continuidade da jornada humana para além da matéria.

Apanhei de cima da mesa, antes de ir ao trabalho, o primeiro livro que acabava de adquirir sobre o catarismo, justo o aludido acima, de Hermínio Miranda. Olhei a contracapa e, intrigada, julguei tê-la manchado com leve marca digital, mas, fixando a vista, mal consegui acreditar no que via: uma clave de sol, perfeitamente delineada em meio a estranho contorno acinzentado. Era visível, nítida, bem acima do termo "catarismo" grafado no texto de contracapa bem abaixo. Aparecera do nada, de um dia para o outro, pois até a noite anterior, em absoluto, não existia. Era, portanto, a resposta material, o sinal indiscutível oferecido pelo amigo amável das esferas invisíveis, a fim de aplacar em definitivo todas as minhas hesitações, as últimas dúvidas.

Então, tudo devidamente esclarecido: Iohan.

Fique eternamente com a minha gratidão, com o meu encantamento, com o meu profundo carinho.

E mãos à obra!

O JARDIM DE ROSAS

Entre um emaranhado de imagens indefiníveis após uma noite de sono bem dormida, a Espiritualidade reservou-me graciosa surpresa pouco antes que retornasse ao corpo: plasmou para mim um lindo jardim de rosas.

Lembro que estava aqui mesmo, em casa, com algumas pessoas conversando na sala. Um senhor, na varanda, comentava algo a respeito de ser uma data especial para mim, e, atraída para onde ele falava, recordo ter experimentado inusitado choque, porque naquele mesmo jardinzinho que cultivo no meu apartamento, na verdade, não há rosas. Há, sim, um grande pé de alamanda que ao longo dos anos se alastrou como dossel por entre as grades pintadas de branco que cercam o perímetro do terracinho e um frondoso pé de azaleia que há anos nunca deixou de me encantar com suas flores brancas. Um pé de jasmim, um de bougainville grená, um cróton petra num vasilho. Mas nunca tive rosas, nem mesmo daquelas pequeninas que, antes, bem tentara cultivar em vasos, mas que, nem elas, puderam suportar a severa carga solar do verão carioca.

E foi por essa razão que, entre perplexa e encantada, parei na entrada da varanda examinando aquelas enormes roseiras, todas floridas. Rosas amarelas, brancas e vermelhas. E, magnetizada, avancei para examiná-las, notando, de acréscimo, que eram rosas de tamanho incomum, grandes demais para a média das flores que temos em roseiras fartas de canteiros.

Tocava uma das lindas rosas amarelas, perguntando-me, por minha vez, a que se devia aquele presente estranho, com cuja causa não atinava, assim como também, momentaneamente, não me dava conta da razão dos comentários que o senhor continuava tecendo com alguém que se achava próximo de onde eu estava, na minha sala. Malgrado isso, entendera com clareza a menção a que as rosas foram arrumadas ali por minha causa. Alguma data especial que me dizia respeito. Mas que presente fabuloso e a conta de quê? Eu refletia.

Aniversário? Eu tentava atinar com o significado do que ouvia. Subitamente, porém, dei-me conta, mesmo desligada do corpo, que não era a data do meu aniversário, e foi neste ponto que abri, de súbito, os olhos e me vi de volta no corpo e em meu quarto, ainda ouvindo de algum daqueles visitantes amáveis, certamente amigos, ao lado dos mentores desencarnados habituais, a explicação correta: “Dia das Mães!”

E, mesmo já desperta, ainda visualizava, com o rosto lavado por lágrimas inevitáveis, e em todos os detalhes, as maravilhosas rosas grandes que tocara há pouco, coloridas, espalhadas em touceiras viçosas na minha pequena varanda: brancas, vermelhas, amarelas, lindas.

E no decorrer das horas da manhã até agora, imaginava como agradecer a imensa beleza do presente plasmado no ambiente espiritual da minha residência terrena. Durante o café, nitidamente, e sem mais nenhuma hesitação, passei a perceber as presenças. Uma voz feminina, cuja entonação etérea me segredou já ter sido minha filha em jornadas materiais anteriores. Junto dela, estava o companheiro desen-

carnado de sempre, o meu querido mentor, Caio. E outros mais, cujas presenças, por si só, me enchiam de inefável bem-estar.

Tais momentos, sem nenhuma dúvida, são os responsáveis pelo alívio acalentador das canseiras experimentadas durante nossos estágios mais ou menos prolongados de aprendizado nas dimensões mais densas, mais nebulosas das vidas materiais.

– As rosas ainda estão lá, onde as deixamos. Sempre que for ao seu jardim, lembre-se delas! E as veja! Você pode! São o nosso presente, que, esperamos, lhe recorde o amor que nos mantém unidos, desde ontem, como hoje e sempre – finalizava a delicada voz feminina.

Enquanto isso, sentia, com clareza, o abraço terno com que não apenas ela, mas outros dos presentes, me envolviam.

Um dia, hei de lhes agradecer de algum modo adequado. E aquele dia estava ensolarado nas estâncias invisíveis, em que todos enfim se reencontram e celebram a eternidade excelsa do amor que nos mantém unidos, pelo coração, à nossa imensa família espiritual.

O SUMIÇO DA CANECA

Sempre que acontece, a mente lógica tende a questionar quase, raivosamente, querendo nos empurrar para alguma explicação racional qualquer, mas, em alguns casos, não adianta. Especialmente quando acontece em fases que justificam plenamente alguma interferência multidimensional nos enredos de nossas vidas. E isto é frequente, como me aconteceu neste exato momento.

Final de férias para mim, e não me iludo, ante a perspectiva de tornar a me transferir do céu para a Terra nos próximos dias. De modo que viajei, e, em Aracaju, me deitei em visita ao meu pai, com os pés metidos nas águas mornas das ondas rasihas que, como crianças brincalhonas, me massagearam os pés. Fomos ao cinema e nos divertimos, contamos piadas e torcemos, sim, pelo Brasil na Copa, experimentando todas as emoções. Voltamos e aqui estamos em casa, e, segundo as tradições das férias, uso a outra metade do tempo para me dedicar à resolução das múltiplas pendências domésticas, de modo a providenciar concertos de canos, sair, comprar presentes de aniversário e ir às compras no mercado.

Voltei às aulas de violino que suspendera durante algum tempo. Filhos e mãe, curtirão com eles. Enfim, rotina cotidiana que, embora movimentada, estranhamente, relaxa os nervos. Muda a estação do padrão dos estresses anteriores. Vibramos em outra frequência, mais desanuviada de um lado, porém, de tanto nos empurrar para fincar os pés no chão de nosso dia a dia, pode embotar um pouco a sensibi-

lidade do médium habituado à interação constante com mentores desencarnados, cujo trabalho de parceria literária eles parecem ter também me conferido uma pausa para descanso.

De resto, tendo outras preocupações, dependentes da passagem do tempo, encobertas por esta pausa de atenção presa noutros interesses, com a iminência do retorno ao trabalho profissional, todavia, agora o cenário anterior vai retomando aos poucos, e nem que apenas devagar, em nível emocional e mental, a ordem de suas prioridades. Em virtude do que tenho a impressão de que, observando este panorama de cima, as minhas oscilações de estado de espírito dos últimos dias, meus mentores estavam preocupados com a repercussão dessas alterações, que vinham me compelindo a mergulhar numa espécie de entorpecimento da sensibilidade para as tendências de certos tópicos importantes e interesses meus, cuja importância vinha desmerecendo, e, atipicamente, nivelando por baixo.

E, como havia algum tempo que não fazia minhas mentalizações e preces de hábito, não lhes dirigia o pensamento e não me dedicava ao regular intercâmbio psicográfico e ao trabalho de ordem espiritual responsável por submeter meu repertório de vida a uma sintonia fina, necessária ao bom desempenho dos compromissos, desafios e atividades diárias, acharam, por bem, ainda agora, pregar-me ligeiro susto. Aplicar-me um chamado, com um tipo de "megafone" espiritual de que lançam mão volta e meia para chamar atenção, em situações específicas, ou com objetivos variados, seja para reconforto em determinados instantes de aflição, para sinalizar sua presença amparadora noutras ocasiões.

ões, ou respondendo a algum questionamento específico, ou com outras tantas finalidades.

Com a mente povoada de pensamentos instáveis como um céu nublado, embora inofensivo, providenciei o almoço. Fiz o prato. E fui até o aparador de copos para buscar minha caneca nova, que, era indiscutível, colocara ali há pouco, pendurada, após beber água. Mas não estava lá. Constatei, entre confusa e aborrecida.

Um detalhe bobo dos movimentos cotidianos, mas que em determinados instantes chateia, quando aquela voz de dentro nos segreda que não poderia estar acontecendo. Eu tinha a mais absoluta certeza de que a caneca estava lá. E, no entanto, os fatos, ali, me indicavam o contrário, mas então, por Deus, o que diabos ocorria? Então, atarantada nesta mistura de perplexidade com impaciência, saí pela cozinha e pela casa em busca do objeto. Fui umas quatro vezes à sala, aos quartos. Questionei minha filha na sala, ela por sua vez, metida nos seus jogos, me respondeu com um "não vi" vago, como se com o espírito preso em Marte.

Voltei à cozinha. Rodopiei em toda a extensão dela umas quatro vezes, e, em pelo menos três delas, parei, embasbacada, diante do porta-copos misterioso onde os outros copos jaziam, sem o menor indício da caneca grande, com algumas rosas estampadas, que adquirira há poucos dias, nem ali, nem nas proximidades. E, durante alguns segundos, senti-me meio idiota, como é recorrente nesses momentos, embora experimentasse uma sensação indefinível de que alguém por ali, às ocultas, se divertia com a minha situação.

A fome me compeliu a deixar o caso para lá, e enfim tomar do prato e almoçar devidamente. "Ora, azeite"! Pensei. N'algum buraco da bendita casa deve estar, então, para que me preocupar com isso? Todavia, a intervalos vinha-me a recordação insistente de que já vivenciara episódios parecidos, com outra significação que conhecia bem. Mas empurrei, resoluto, essas reflexões para lá, e comi, tentando esquecer a caneca, ao menos naquele momento.

Fato, caros leitores, é que acabei de comer, já distraída com outros pensamentos, e, de pronto, me dirigi com o prato na mão para a pia espaçosa, onde se acha o meu portacopos, sentindo sede, e pensando em pegar outra caneca para beber a melhor bebida entre todas, para esta finalidade - a água. Olhei outra vez, meio alheada, para o portacopos. E parei, estatelada, a ponto de deixar cair prato e talheres no chão.

Lá estava a caneca, placidamente, entre os outros copos enfileirados, como se, de modo bizarro, rindo-se da minha cara. E, na mesma hora, com espontaneidade, emergiu com força à minha sensibilidade e à visão de dentro a presença do meu mentor nas proximidades, sussurrando-me a explicação para o mistério: "Até que enfim, não é? Não posso fazer este tipo de coisa toda hora, mas será possível que só com a desmaterialização e rematerialização de um objeto consigo chamar sua atenção para nós? Acabaram as férias, vamos! Hora de um papo! Precisamos conversar!", brincava, como sempre é do seu estilo.

E bem na hora mais necessária, sem enganar.

Eis, então, o caso da nossa "crônica da vida invisível" de hoje. A história fascinante da grande caneca enfeitada

que, à plena luz do dia, sumiu-se de diante dos meus olhos, e com menos de vinte minutos depois, reapareceu, para mais uma demonstração espontânea da interação de que somos alvo constantemente, com os nossos amigos, mentores e habitantes das esferas invisíveis.

O FAROL

Meu mentor espiritual, Caio Fábio Quinto, vem me fazendo uma sabatina terapêutica a respeito de se manter o foco, num período em que me vejo compelida a sair em busca de alternativas viáveis para algumas coisas, até então, acomodadas num certo padrão ao longo de vários anos. Compele-me a não me distrair dos objetivos que, de índole e por compromisso espiritual, direcionam minha vida. Ilustra-me, de forma acalentadora, esta disposição, conduzindo-me a leituras adequadas ou até mesmo a deparar filmes, justo, no ponto em que, eventualmente, o personagem interpreta com oportunidade esta necessidade, que hoje em dia se confirma como primordial para todos ao redor do mundo.

Ontem mesmo, à noite, e por dois dias seguidos, "por acaso" e em horários diferentes me guiou a ver na TV o filme *Gladiator*, já começado. E ontem, especificamente, bem na cena final, quando o militar romano, Maximus, que durante toda a trama fora perseguido e ultrajado pelo imperador Cômodes, luta com o mesmo e, ainda que ferido traiçoeiramente, arranja forças em si para vingar a família assassinada pelo martírio, e ao mesmo tempo livrar Roma do governo do monstro até então instalado no poder. Compenetrada como me achava, virando a esmo os canais enquanto sentia a presença do mentor querido, cheguei a sorrir para mim mesma, ouvindo com a audição espiritual os comentários a respeito do que o filme exibia. O recado, por analogia, se fazia óbvio, embora naquele minuto eu comen-

tasse com o companheiro das esferas invisíveis que as complexidades do mundo, em todas as épocas, nem sempre tornam esta disposição fácil para o ser humano.

O “Mas se forem mal recebidos, saiam logo daquela cidade. E, na saída, sacudam o pó das suas sandálias, como sinal de protesto contra aquela gente” (Lucas 9:5)", ensinado por Jesus aos discípulos bem intencionados que saíram ao mundo para anunciar o Reino, leia-se aqui, no contexto do Espírito, nem sempre é coisa simples de se realizar, dada a heterogeneidade humana em todos os quadrantes do Planeta. Sua cultura, diversidades religiosas e educacionais, discrepâncias de índoles e de visão e tantas outras complexidades nos emprestam a sensação recorrente de ser coisa quase impossível sedimentar na Terra o reino de amor com que sonhou o Mestre, dois milênios atrás.

Recordo-me, muitas vezes, dos cumes de sombras atingidos na história humana até aos dias de hoje. Daqueles instantes em que mais pesado se fez o fardo de dor, em vários recantos do Planeta. Desde os tempos do Cristo, na época das barbáries e das crucificações de cristãos, passando pelas fogueiras da Idade Média até a bomba nuclear em Hiroshima, e ao atentado do onze de setembro de 2001, nesses extremos de desespero e de dor, portanto, que há de fazer o ser humano perplexo, ainda empenhado no esforço diário, individual, de crer num panorama mais luminoso, mais amoroso para o mundo? Não é incomum que uma quase desorientação se nos apodere do ânimo combalido em instantes assim, porque, paralelo a esses eventos críticos que vitimizam nações, há os de ordem individual. Todos, sem margem a dúvidas, possuem seus momentos de prova,

de lágrimas inevitáveis, a cobrar valor e fibra para seguir em frente com discernimento, sem inflexibilidade para as mudanças necessárias à renovação dos tempos, embora também conservando os valores atemporais.

Quando vieram abaixo aquelas duas torres americanas, de altura vertiginosa, peçadas de seres mergulhados num dos maiores paroxismos de terror de que se tem notícia até a atualidade, lembro-me de ter ficado extática diante das imagens da TV, mãos diante da boca, em choque, e apenas as lágrimas dolorosas dizendo o inexprimível que não apenas me acometia, mas todas as pessoas dotadas de solidariedade para com a dor humana. Durante aquele dia trevoso, fronteiras se dissiparam e a humanidade tornou-se una, dividindo o mesmo desnorteamento, a mesma amargura pungente. Diferente de épocas em que os eventos aconteciam isolados do conhecimento planetário instantâneo, este, próprio da nossa era globalizada, colhíamos naquele dia inesquecível, simultaneamente, os frutos da faceta mais sombria da eficiência da informação. Víamos, diante de nossos olhos, ao vivo, a hecatombe hedionda de centenas de pessoas comuns, trabalhadores, pais de família, como todos somos, de nacionalidades várias, lançando-se a partir dos prédios nas alturas dos céus enevoados, compelidos pelo desarvoramento irracional da fuga à tragédia iminente da morte, ou em meio aos incêndios terríveis se desencadeando nos cumes vertiginosos do World Trade Center, ou pela queda dos dois gigantes atingidos pelo atentado desfechado pelas forças obscuras que, em cada fase da história, de tempos em tempos lançam a humanidade nos abismos dos resultados da insana ambição pelo poder.

E, portanto, também naqueles instantes críticos, marco histórico profundamente doloroso para milhares de seres ao redor do globo, novamente me perguntava, de algum modo, como sacudir o pó das sandálias e prosseguir crendo, ainda, no propósito leve, abençoado da difusão da luz no mundo?

Onde o farol, a nos sustentar na rota da esperança, da superação de todas as dores inerentes à jornada evolutiva já de há tantos milênios perdidos no passado? Pois, após essas incontáveis crises, desesperadoras a ponto mesmo de nos roubar toda a lucidez e resistência, a firmeza de ideais em busca daquele cenário de paz e amor com que tantos sonharam, e em nome de que se sacrificaram e se empenharam no curso de suas jornadas terrenas, pensamos nos perder do norte.

Para onde olhar, portanto, e reencontrar referências positivas, a âncora, o lume que nos sustente na rota que, a despeito e acima de nossas perplexidades, mantém-se incólume, à espera de que cada um de nós e cada povo reencontre o rumo definitivo que nos leve a atingir o panorama ideal de todos os nossos melhores ideais?

Ontem e durante esses dias, desse modo, meu mentor vem me recordando com insistência de que o lume é interno, permanente, inatingível, e que devemos lutar para não nos desconectarmos desta luz perene que, inatingível pelas piores vivências transitórias que nos colhem a conta de aprendizado, tem o condão de nos fortalecer, de nos tornar mais sábios para, de vontade própria, prosseguir em direção às mudanças incessantes, mantendo a sintonia com as frequências vibratórias superiores que habitam no mesmo padrão.

"Mantenha o foco!" - Caio me repete, amoroso – "Porque o farol a que se refere começa em você mesma e entra em ressonância inevitável com tudo no universo que vibra em níveis de energias idênticos, de modo que a escolha é sempre sua. Esmoreça, desista, passe a ver tudo ao redor sem olhar para as alternativas incessantes de felicidade que lhe acenam sem parar, e tudo o que enxergará é um beco sem saída. Com um mínimo de esforço, porém, e apesar do desânimo momentâneo, volte-se com firmeza para o ideal de luz que, por si só, sustenta-se em seu íntimo, indicando o rumo correto. E logo se perceberá sempre sintonizada a nós, e às possibilidades incessantes com que Deus nos comprova, a cada minuto, que o enredo da vida é de cocriação nossa. E que, portanto, a continuação da história, para melhor, atenderá às nossas intenções, desde que aproveitemos cada dia para não perder de vista este farol que nos orienta os passos, tanto na calmaria, quanto nos mares tempestuosos, na direção infalível do remanso de paz que alcançaremos se nos dispusermos a lutar, incansáveis, pelos nossos melhores sonhos!"

AMANHECENDO EM ELYSIUM

Hoje, no amanhecer de uma terça-feira, semidesperta, reparei que ainda estava escuro. Era próximo do horário em que minha filha começa a se movimentar para se arrumar e ir à escola. E é sempre, este momento de meia-luz da alvorada, aquele o qual guardamos com mais facilidade as recordações nítidas dos episódios de nossas andanças nas dimensões espirituais, talvez pelo estado intermediário de ligação ao corpo físico, em que nos achamos, do lado de lá, na consciência da aproximação do instante do nosso retorno, para a continuação das nossas atividades na materialidade.

De tempos em tempos e quando menos espero, sou conduzida por meus amigos e mentores da invisibilidade a vivências inesquecíveis nessas esferas maravilhosas da vida. E, em todas as oportunidades, trata-se, esses momentos, de valiosos presentes, de cujos detalhes sou aconselhada por eles a dar conhecimento posterior a leitores e amigos, com o objetivo de oferecer noticiário útil e sempre renovado da realidade de que a existência se estende, em suas particularidades magníficas, para muito além do que os nossos acanhados sentidos físicos nos permitem alcançar durante o nosso estágio num corpo terreno.

Ainda há pouco, portanto, nesta situação de desprendimento quase total, dei-me conta súbita de que amanhecia também em *Elysium*, a cidade das esferas espirituais da qual já deu, meu mentor, Caio Fábio Quinto, por intermédio

da minha psicografia do seu livro de mesmo nome, informações detalhadas.

Elysium é uma colônia das esferas espirituais adjacentes à Terra, situada, se assim podemos aludir para melhor entendimento, acima da região geográfica da Campânia italiana, uma reprodução exata, e naturalmente uma versão melhorada, das lindas colinas situadas ao sul deste país. Avista-se, portanto, naqueles cenários translúcidos, montes, colinas e elevações, a perder de vista, recobertos por vegetação ondulante enxameada de flores coloridas, de perfume inconfundível a se alastrar, junto com as lufadas suaves das brisas, por entre as moradias dos habitantes felizes desta encantadora cidade das esferas espirituais.

Pois foi ali que me descobri, de repente, como se transportada para um cenário que emergia de entre as névoas, na companhia de meu querido mentor. Acomodados em assento confortável de uma varanda aprazível, na parte fronteira da residência que ele habita naquele lugar encantador, contemplávamos o espetáculo indescritível de um sol diamantino se elevando nos céus translúcidos, por entre nuances de um alaranjado dourado, hipnótico, se espalhando de entre o arvoredo de majestosa colina situada à grande distância do patamar privilegiado de onde descortinávamos a visão exuberante da natureza pródiga da região.

De início somente em silêncio, e como acontece em toda vivência desta qualidade transcendente, eu mal acreditava no conjunto estonteante de imagens e de sensações, difíceis de se definir com a pobreza do vocabulário terreno. O sentimento de paz e de plenitude era uma extensão natural de tudo ao redor, desde aquela casa maravilhosa e carre-

gada das energias de serenidade próprias de seu morador, até à perfeição da beleza dos cenários diante de nós e ao próprio Caio.

Como de hábito, ele vestia trajes despojados, calça e camisa folgadas, de cor branca, semelhante a jovial vestuário de veraneio; o meu companheiro querido, amigo e amparador amoroso de tantas extensões de tempo desde o passado, transfigurava-se à minha percepção também como uma peculiar extensão natural de todos os sentimentos elevados que experimentava em meu íntimo a respeito do lugar e da ocasião inesquecível.

Paz, felicidade, serenidade plenas. A convicção de que tudo está e irá sempre muito bem. A perfeição da regência de tudo o que vive, pulsa e se movimenta na Criação, em equilíbrio indefectível.

– Olhe bem! Não tenha pressa ou ansiedade! Esqueça a contagem do tempo, e apenas sinta o que nos acontece, aqui e agora! – e ele olhava para mim com inesquecível expressão na fisionomia tranquila, e no brilho cristalino dos seus olhos de tonalidade azul-céu. – Ouça os pássaros; sinta o perfume das brisas! – e apontava – Preste atenção nas tonalidades do tapete infundável de flores, lá, ondulando ao vento, sob o calor ténue dos primeiros raios de sol da manhã! Depois, ao voltar, querendo, escreva a respeito; servirá tanto como narração útil a quem lê, aos reencarnados, dessas maravilhas que se escondem nas extensões insuspeitadas do universo de Deus, quanto também para que fixe a recordação deste momento, ajudando-lhe a nutrir o espírito de energias mais saneadas, para a continuação do seu estágio na Terra. Aqui, meu amor, é o seu lugar de ori-

*gem. E é através da plenitude da sua sintonia espiritual comigo, conosco, com este lugar de outras dimensões de expressão da vida, que estaremos sempre conectados. É isso que lhe possibilita que, até o momento do seu retorno, esteja aqui periodicamente, para reabastecer e sanear os seus padrões espirituais. Como sempre é bem dito, **o lar verdadeiro é onde habita o nosso coração**. É pela sintonia amorosa que nos vinculamos a tudo, minha querida!...*

O diálogo mantido era mais, e de fato, sintonia espiritual, mental e emocional pura. Não distinguia propriamente palavras, e, nesta comunhão vívida entre espíritos, o que emanava de Caio para mim era, acima de tudo, imagens e sentimentos sublimes, definidos por uma linguagem inteligível apenas pelo entrelace pleno entre espíritos afins. Uma interatividade silenciosa, mas ao mesmo tempo rica de significados nítidos, fluidos, claros, embora estivessem acima e além de quaisquer conceitos verbais. Somente paz, calma, amor, luz e as cores mágicas dos vastos e perfumados campos circundantes.

Não posso definir pelos parâmetros terrenos quanto tempo durou o momento celestial. Talvez o tempo perfeito. O necessário e exato. E, aos poucos, vi-me carinhosamente trazida de volta ao ambiente de meu lar material, repleta de júbilo e de gratidão. Feliz, mas daquela felicidade conhecida apenas numa condição de consciência alheia às vivências habituais da esfera dos reencarnados.

Quando dei por mim, abri os olhos e vi minha filha mais nova entrando no quarto, de excelente estado de espírito, cumprimentando-me para o beijo de bom dia. Abracei-

a, mas de um jeito especial. Não sei se ela chegou a perceber. Se sim, um dia, entenderá.

“É pela sintonia amorosa que nos vinculamos a tudo, minha querida!...”

Eternamente, agradecida, meu querido Caio Fábio Quinto.

INFLUENCIAÇÃO ESPIRITUAL

Influem os Espíritos em nosso pensamento e em nossos atos? "Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem." (*O Livro dos Espíritos, Allan Kardec, questão 459.*)

"As almas se reúnem, obedecendo às tendências que lhes são características e à circunstância de que cada espírito tem as companhias que prefere."

(*Missionários da Luz / André Luiz / F.C. Xavier / FEB - Capítulo 11: Intercessão.*)

O tema se prende a esclarecimentos sobre a influenciação espiritual, visto como se faz necessária uma compreensão mais abrangente da extensão desta realidade densamente povoada de sutilezas.

Habitualmente publico artigos sobre vivências mediúnicas pessoais e originadas em testemunhos alheios, porque é importante que, na divulgação das realidades espirituais, comentemos fatos renovados ao longo dos anos, de feição a comprovar que a presença e participação dos habitantes das esferas invisíveis é contínua e sem nenhuma cerimônia, e quer nos parecer que a Espiritualidade aprecia que assim seja, por diversificadas razões. Uma, é a necessidade de que a humanidade reencarnada, a pulso de conviver com estes acontecimentos, adquira maturidade para discernir entre influências obsessivas ou benéficas, bem como a infinidade de nuances existentes em cada caso.

Como diz André Luiz no excerto acima, agrupamentos espirituais se formam a partir de sintonias. Assim, fácil de-

preender que, de um para outro lado da vida, nada muda nos critérios pelos quais os seres se reúnem, como já nos acontece aqui, nos períodos das reencarnações. Disso, fácil aferir que, também no interesse de acompanhar com sincero zelo e amizade os nossos progressos nas experiências de melhoria íntima na matéria, possuímos mais de um antigo familiar, amigo ou conhecido de outras vidas nos inspirando e auxiliando, paralelamente aos mentores encarregados de zelar pelos tutelados, por compromisso firmado antes do regresso de cada um de nós, durante todo o estágio na carne. Não obstante, percebe-se da parte do espírita imaturo a avaliação não criteriosa de certos conceitos. Uma cristalização preocupante em torno de interpretações equivocadas do assunto na doutrina espírita.

No aludido excerto, afirmam os espíritos, através de Kardec, que o mundo invisível influencia os que vivem na matéria mais do que podemos imaginar. Mas há que se ter cautela com as minúcias inúmeras inerentes a esta realidade. Se na questão 469 a espiritualidade nos esclarece que evitamos da melhor forma a influência nociva de espíritos estacionados em estado evolutivo inferior perseverando no Bem, todavia, e embora a grande verdade contida nesta orientação, devemos evitar a percepção errônea de se enxergar má influência espiritual em qualquer exemplo de companhia espiritual por vezes bem-intencionada, apenas porque não se enquadra, aquela vivência, ao que ingenuamente se concebe como a assistência digna de nota dos anjos aureolados de luz, almas de grande estatura evolutiva, que, de fato, se ocupam em auxiliar a humanidade em seus sofrimentos mais graves.

Assevera Rodolfo Calligaris: "Pensar é vibrar, é entrar em relação com o Universo espiritual que nos envolve, e, conforme a espécie das emissões mentais de cada ser, elementos similares se lhe imanizarão, acentuando as disposições e cooperando com ele em seus esforços ascensionais ou em suas quedas e deslizes" (Páginas de Espiritismo Cristão, FEB, cap. 53). Assim, na hierarquia das sintonias espirituais de cada momento, contaremos com aqueles amigos do mundo invisível que nos apoiam e incentivam nas menores quanto maiores iniciativas de valor, e de molde a nos encaminhar a um estado autêntico de felicidade. Haverá o mentor espiritual constante na sua permanência ao nosso lado, nos inspirando e amparando nos momentos mais críticos da caminhada, quanto também o parente de vidas passadas de coração bondoso, a nos incentivar nas pequenas minúcias benéficas do cotidiano, uma antiga mãe, irmão ou cônjuge...

Opinam, portanto, participam de nossas atividades, dão seus pareceres, *sempre respeitando o nosso livre-arbítrio, note-se!* Mas, sintonizados por simpatia para com nossos gostos e sentimentos, haverão de nos encaminhar a alguma circunstância pequena que nos ofereça satisfação ou renovação de ânimo num instante depressivo. Eles nos acalantarão e dirão palavras de reconforto em instantes de tristezas de ordem familiar, talvez nos antecipando a iminência de algum acontecimento feliz para breve, que nos felicitará sobremaneira na resolução de algum desafio, para o qual possuem vistas de cima, no conjunto das circunstâncias.

Amigos, sim! Solidários, bondosos, benfeitores, não necessariamente os ditos "Espíritos Superiores" constantes

da segunda ordem da classificação Kardequiana, antecipando apenas aos Espíritos Puros em hierarquia, mas compondo as classes extensas dos Espíritos Benévolos da quinta; os Prudentes ou de Sabedoria, da terceira; os Sábios, da quarta classe. Ou ainda, como dito, antigas e grandes afinidades espirituais que só nos querem o bem e nos auxiliam na medida de suas possibilidades reais, como acontece com as falanges médicas amparadoras sob as égides de Bezerra de Menezes ou do doutor Frederick Von Stein.

Nunca, porém, podem esses espíritos, envolvidos com as nossas minúcias cotidianas, ser classificados como espíritos inferiores ou obsessores, dado que o que distingue, ainda e sempre, a qualidade benéfica dos espíritos haverá de ser as intenções e benefícios decorrentes de suas participações nos nossos roteiros.

Discurso sobre o assunto também como esclarecimento aos fatos narrados em textos anteriores sobre a atuação de meus mentores, guias particulares e trabalhadores em parceria mediúnica na autoria de nossas obras psicografadas. Pois já houve da parte de leitores imaturos a visão equivocada de, por ocasionalmente, um deles exercer influência tida talvez como pueril em detalhes da rotina de meus dias, serem quase taxados depreciativamente como obsessores ou espíritos inferiores.

Amigos, assim, como nós mesmos, a um só tempo, somos todos um universo amalgamado de preferências, do colorido vívido das escolhas e decisões, das de maior a menor importância, participando e sem sentir influenciando de modo significativo nas vidas de nossos circunstantes com gostos, tendências e opiniões, devemos entender, por amor da

verdade e da justiça, que esses que nos assistem a partir do mundo maior maravilhoso e nossa autêntica morada prosseguem sendo simplesmente o que são, nesta troca intensa que, generosamente, estabelecem conosco a partir da invisibilidade, para enriquecer os nossos percursos com a sua energia própria, luminosa e cheia de benefícios de opinião a nosso favor.

Se, portanto, aceitamos ouvir o conselho de uma amiga ou avó nos nossos afazeres culinários, por que considerar inferior a influência da irmãzinha de outra vida que, num momento solitário de fim de semana em casa, nos sugere colocar talvez menos sal num prato que preparamos com certa invigilância, em prol da saúde dos nossos entes queridos? Por que se alardear que o espírito de um músico clássico que nos acompanha e, conosco, forma parceria literária amorosa em prol da divulgação das novidades da vida nas esferas espirituais não é tão "superior" quanto um Espírito Puro, obviamente empenhado em responsabilidades de maior vulto para com a humanidade, apenas por que ele sugeriu à sua médium a loja certa para a compra de um colar delicado para mimo de uma vaidade discreta que, ela mesma em si, não representa, em absoluto, pecado ou defeito de caráter nenhum? Toda a Criação, com as suas campinas floridas, oceanos caudalosos e montanhas majestosas, é demonstração pródiga da grande vaidade divina em perpetuar suas maravilhas. Vaidade que se manifesta de maneira digna e discreta em prol do belo, em nós, quanto no mundo, portanto, em tempo algum haverá de ser razão de condenação a quem quer que seja.

Não se conceberá que, noutros momentos, esses mesmos espíritos estarão também em ações de auxílio maiores que, se não vêm a público, é que se dão dentro do dever maior de anonimato de todo praticante da caridade genuína, que conhece que alardear grandes feitos junto ao sofrimento alheio, isso, sim, é engano lastimável de quem pretende se elevar à categoria espiritual dos iluminados, dos justos.

Fica a reflexão.

Fim